



COMEPP 24

XXXII Congresso Médico Estudantil de Presidente Prudente

DAJHAM
2024

ISSN 2966-3628

ANAIIS

Sumário

<u>ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DA PNEUMONIA NO ESTADO DO MATO GROSSO DE 2019 A 2023: UM ESTUDO ECOLÓGICO DESCRITIVO</u>	7
<u>AVALIAÇÃO DE UM SIMULADOR DE BAIXO CUSTO COMO ESTRATÉGIA EDUCACIONAL PARA O APRENDIZADO DOS MECANISMOS IMUNOLÓGICOS DAS REAÇÕES DE HIPERSENSIBILIDADE DO TIPO I</u>	8
<u>CARACTERIZAÇÃO DOS COMPORTAMENTOS DE RISCO NO ATENDIMENTO ÀS GESTANTES COM FILHOS PORTADORES DE MALFORMAÇÕES CARDÍACAS EM SÃO PAULO ENTRE 2017 E 2023</u>	10
<u>COMPARAÇÃO ENTRE A VALVULOPLASTIA COM BALÃO PERCUTÂNEA E AS COMISSUROTOMIAS CIRÚRGICAS PARA TRATAMENTO DE ESTENOSE MITRAL: REVISÃO SISTEMÁTICA</u>	12
<u>COMPARAÇÃO ENTRE OS INDICADORES DE MORBIMORTALIDADE DA INSUFICIÊNCIA CARDÍACA NOS REGIMES DE ATENDIMENTO DO BRASIL EM 10 ANOS</u>	14
<u>DIMESILATO DE LISDEXANFETAMINA ALTERA OS TIPOS DE COLÁGENOS CARDÍACO: ESTUDO EXPERIMENTAL ANIMAL</u>	16
<u>EFICÁCIA DOS INIBIDORES DA APOLIPOPROTEÍNA-C3 NO TRATAMENTO DA HIPERTRIGLICERIDEMIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA</u>	17
<u>ESTUDO COMPARATIVO DA PREVALÊNCIA DE NEOPLASIA MALIGNA DE MAMA NO PERÍODO PRÉ, PANDÊMICO E PÓS PANDÊMICO</u>	19
<u>INVESTIGAÇÃO SOBRE A PREVALÊNCIA DO CÂNCER DO COLO DE ÚTERO NAS DIFERENTES REGIÕES DO BRASIL ENTRE 2012 E 2023</u>	21
<u>MORTALIDADE POR DOENÇA RENAL HIPERTENSIVA NO BRASIL DE 2019 A 2022: UM ESTUDO ECOLÓGICO</u>	22
<u>O IMPACTO DA PANDEMIA DO COVID-19 NOS NÍVEIS DE INTERNAÇÕES POR CONDIÇÕES SENSÍVEIS À ATENÇÃO PRIMÁRIA (ICSAP)</u>	24
<u>PANORAMA DOS TRANSPLANTES CARDÍACOS NO BRASIL E EM SUAS REGIÕES: ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DE 2013 A 2023</u>	26

<u>TERAPIA COM VESÍCULAS EXTRACELULARES PARA O TRATAMENTO DA REABSORÇÃO ÓSSEA: REVISÃO SISTEMÁTICA.....</u>	28
<u>TINTA COMPOSTA POR NANOPARTÍCULAS DE ÓXIDO DE ZINCO: ATIVIDADE ANTIMICROBIANA E FOTOCATALÍTICA.....</u>	29
<u>A PREVALÊNCIA DE TRAUMATISMO CRANIOENCEFÁLICO NO BRASIL NO PERÍODO DE 2013 A 2023.....</u>	31
<u>ABORDAGENS ANTITROMBÓTICAS PÓS INTERVENÇÃO CORONÁRIA PERCUTÂNEA: UMA ANÁLISE INTEGRATIVA DA EVIDÊNCIA CLÍNICA</u>	33
<u>ACIDENTES DE TRÂNSITO E SAÚDE PÚBLICA: UM ESTUDO ECOLÓGICO SOBRE INTERNAÇÕES E CUSTOS NO SUS.....</u>	35
<u>ANÁLISE DA MORBIMORTALIDADE DA NEOPLASIA MALIGNA DO COLO DE ÚTERO EM SÃO PAULO NO PERÍODO DE 2013 A 2023.....</u>	37
<u>ANÁLISE DA MORBIMORTALIDADE DE SEPTICEMIA NO BRASIL E ESTADO DE SÃO PAULO ENTRE 2018 E 2022.....</u>	38
<u>ANÁLISE DA TAXA DE FREQUÊNCIA E DA MORTALIDADE POR TUBERCULOSE ENTRE OS ANOS DE 2016 A 2022 NO BRASIL</u>	40
<u>ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DA PNEUMONIA EM SÃO PAULO DE 2019 A 2023.....</u>	42
<u>ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DAS INTERNAÇÕES POR QUEIMADURAS ELÉTRICAS E QUÍMICAS NO BRASIL (2013-2023).....</u>	44
<u>ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DESCRITIVA DA CÓLERA NO BRASIL DE 2014 A 2023: UM ESTUDO ECOLÓGICO.....</u>	46
<u>ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DO ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL NO BRASIL DE 2015 A 2023: UM ESTUDO ECOLÓGICO</u>	48
<u>ANÁLISE SOBRE TRANSTORNOS MENTAIS E COMRPORTAMENTAIS NOS ANOS DE 2018 - 2022 NO BRASIL.....</u>	50
<u>ASSOCIAÇÃO DE ANSIEDADE E DEPRESSÃO COM DOR CERVICAL E LOMBAR RELACIONADO AO NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA EM MULHERES SOBREVIVENTES AO CÂNCER DE MAMA</u>	52

<u>AVALIAÇÃO DA BRONQUIOLITE AGUDA NA POPULAÇÃO IDOSA BRASILEIRA DOS ANOS 2019 A 2023: ESTUDO ECOLÓGICO</u>	53
<u>AVALIAÇÃO DA MORBIMORTALIDADE DA COLELITÍASE E COLECISTITE NO BRASIL ENTRE 2013 E 2023</u>	55
<u>AVALIAÇÃO DO POSSÍVEL EFEITO BENÉFICO DE NANOEMULSÃO DE CURCUMINA AO DANO BUCAL ASSOCIADO DOENÇA INFLAMATÓRIA INTESTINAL INDUZIDA EM CAMUNDONGOS</u>	57
<u>AVALIAÇÃO EPIDEMIOLÓGICA DA NEOPLASIA MALIGNA DE ESTÔMAGO NO BRASIL NO PERÍODO DE 2013 A 2023 - UM ESTUDO ECOLÓGICO</u>	59
<u>COMPARAÇÃO DOS TRATAMENTOS PARA SÍNDROME DE BUDD-CHIARI EM PACIENTES PEDIÁTRICOS: REVISÃO DE UMA SÉRIE DE CASOS</u>	61
<u>DESAFIOS NO CONTROLE DA RAIVA: UMA ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA E SOCIAL NA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL</u>	63
<u>EFICÁCIA DA TERAPIA POR EXERCÍCIOS NA DOR E FADIGA ONCOLÓGICAS E CAPACIDADE FUNCIONAL, EM MULHERES PÓS-MASTECTOMIA PRIMÁRIA: REVISÃO SISTEMÁTICA</u>	65
<u>EFICÁCIA E SEGURANÇA DO ANTAGONISTA ORAL DO HORMÔNIO LIBERADOR DE GONADOTROFINA, RELUGOLIX, NA ENDOMETRIOSE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA E META-ANÁLISE</u>	67
<u>ESCALANDO O PERIGO: AUMENTO DE ACIDENTES COM ESCORPIÕES NO BRASIL E NO ESTADO DE SÃO PAULO - UM ESTUDO ECOLÓGICO COM ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA</u>	69
<u>GRAU DE DEPENDÊNCIA DE ATIVIDADES DE VIDA DIÁRIA, QUALIDADE DE VIDA E ALTERAÇÃO DE HUMOR EM PACIENTES RENAI CRÔNICOS</u> ...	71
<u>INCIDÊNCIA DE MENINGITE INFANTIL NO MUNICÍPIO DE JAÚ</u>	73
<u>INVESTIGAÇÃO ACERCA DA PREVALÊNCIA DA SÍFILIS CONGÊNITA E DE SUAS CONSEQUÊNCIAS FINANCEIRAS NAS REGIÕES DO BRASIL ENTRE 2012 E 2023</u>	75
<u>INVESTIGAÇÃO DOS MECANISMOS FISIOPATOLÓGICOS DA DOENÇA DE PARKINSON: REVISÃO INTEGRATIVA</u>	77

<u>INVESTIGAÇÃO EPIDEMIOLÓGICA DO PERFIL DOS CASOS DE HIV NO BRASIL COM ENFOCO NA REGIÃO SUDESTE DE 2017 A 2022</u>	79
<u>MALFORMAÇÕES CONGÊNITAS E TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA: UM ESTUDO DE COORTE RETROSPECTIVO</u>	81
<u>MORTALIDADE NO BRASIL POR CISTITE DE 2019 A 2022: UM ESTUDO ECOLÓGICO</u>	82
<u>MORTALIDADE POR INSUFICIÊNCIA RENAL NO BRASIL DE 2019 A 2022: UM ESTUDO ECOLÓGICO</u>	84
<u>O EXCESSO DE EXAMES COMPLEMENTARES PARA DIAGNÓSTICO DE APENDICITE AGUDA NÃO COMPLICADA EM ADULTOS</u>	86
<u>PANORAMA E DESAFIOS DA MENINGITE NO BRASIL DE 2010 A 2023: ESTUDO ECOLÓGICO</u>	88
<u>PERFIL CLÍNICO E EPIDEMIOLÓGICO DE PACIENTES COM ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL ISQUÊMICO ATENDIDOS EM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO NO PERÍODO DA PANDEMIA.</u>	90
<u>PERFIL DA MORBIMORTALIDADE DA NEOPLASIA MALIGNA DA PELE NA REGIÃO SUDESTE</u>	92
<u>PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA MENINGITE BACTERIANA NO ESTADO DE SÃO PAULO, UM ESTUDO ECOLÓGICO.</u>	93
<u>PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE TRANSPLANTES NO BRASIL: ESTUDO ECOLÓGICO</u>	95
<u>PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DO CÂNCER DE COLO DE ÚTERO NO PERÍODO DE 2013 A 2023 NO BRASIL</u>	97
<u>PESQUISA SOBRE A PREVALÊNCIA DAS INTERNAÇÕES E MORTALIDADE EM RELAÇÃO AOS MIOMAS UTERINOS NO BRASIL, ENTRE 2012 A 2023</u>	98
<u>PREVALÊNCIA DAS DOSES APLICADAS DA VACINA DA POLIOMIELITE INATIVADA NAS REGIÕES DO BRASIL DE 2018 À 2022: UM ESTUDO ECOLÓGICO</u>	100
<u>PREVALÊNCIA DE PNEUMONIA EM IDOSOS NO ESTADO DE SÃO PAULO NO PERÍODO DE 2013 A 2023: UM ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO.</u>	102

<u>PREVALÊNCIA DO CÂNCER DO COLO UTERINO ENTRE AS REGIÕES DO BRASIL NO PERÍODO DE 2013 A 2023: UM ESTUDO ECOLÓGICO</u>	104
<u>REVISÃO INTEGRATIVA DAS TÉCNICAS CIRÚRGICAS PARA RETIRADA DE VESÍCULA BILIAR: COMPARAÇÃO DE ABORDAGENS LAPAROSCÓPICAS E CONVENCIONAIS</u>	106
<u>TRATAMENTO DA INSUFICIÊNCIA CARDÍACA COM INIBIDORES DE SGLT2: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA COM METANÁLISE</u>	108
<u>VESÍCULAS EXTRACELULARES PARA O TRATAMENTO DA LEUCEMIA MIELOIDE AGUDA: REVISÃO SISTEMÁTICA.</u>	109

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DA PNEUMONIA NO ESTADO DO MATO GROSSO DE 2019 A 2023: UM ESTUDO ECOLÓGICO DESCRITIVO

ANA LETÍCIA RUFFINO CIRCHIA
MELISSA FERREIRA BARBOSA
MARIA CLARA ESCORCIO SILVA
ANA CLARA CAMPAGNOLO GONÇALVES TOLEDO

A pneumonia é uma patologia infecciosa e inflamatória do parênquima pulmonar que pode ser causada por diversos microrganismos. No Brasil, as pneumonias costumam ser causadas por vírus. O início da sintomatologia é caracterizada por febre, tosse, dispneia, cefaleia, taquicardia e hipotensão arterial. A população mato-grossense, por residir em uma área com maior incidência de queimadas, apresenta maior probabilidade de desenvolver doenças respiratórias, como a pneumonia. Ademias, esse estudo tem por destaque evidenciar dados de saúde pública acerca da pneumonia relacionada com focos de queimada no estado do Mato Grosso, obtidos entre os anos de 2019 e 2023 entre diferentes faixas etárias. Identificar se o aumento nas taxas de internação por pneumonia está relacionado com episódios de focos de queimada no estado do Mato Grosso. Este estudo foi reportado pelo STROBE (Reporting of Observational Studies in Epidemiology). Estudo descritivo ecológico que utilizou as bases de dados Sistema de Informações Hospitalares (SIH/SUS). Analisou-se a prevalência de internações em pacientes com pneumonia em relação à faixa etária e sexo de 2019 a 2023. Utilizou-se taxas a cada 10.000 habitantes. Dentro do período analisado, em 2019 houve maior prevalência na taxa de internações, contudo ocorreu queda entre os anos de 2019 e 2021 (respectivamente, 34,57; 17,58; 16,56 a cada 10.000 habitantes) e houve aumento em 2022 e 2023 (respectivamente, 31,61; 33,73). A faixa etária com maior prevalência são os maiores de 60 anos com média de 76,48 a cada 10.000 habitantes nos últimos 5 anos, e os com menor prevalência são aqueles de 20 a 59 anos com média de 44,67 a cada 10.000 habitantes. Ambos os sexos foram afetados de modo semelhante ao longo dos anos, com taxa entre os homens com média de 29,23 e a taxa entre as mulheres com média de 24,73. No estado do Mato Grosso houve 31.169 focos de queimada em 2019; em 2020, 47.778, em 2021, 22.520, em de 2022, 29.039 e em 2023, 21.723. Apesar das queimadas serem fatores agravantes para a saúde da população, a partir dos dados obtidos entre os anos de 2019 e 2023 não é possível afirmar que apenas as queimadas são responsáveis pelo aumento ou diminuição da taxa de internação por pneumonia.

AVALIAÇÃO DE UM SIMULADOR DE BAIXO CUSTO COMO ESTRATÉGIA EDUCACIONAL PARA O APRENDIZADO DOS MECANISMOS IMUNOLÓGICOS DAS REAÇÕES DE HIPERSENSIBILIDADE DO TIPO I

GRAZIELA GARRIDO MORI
HEITOR VELO PICOPI
JOÃO PEDRO CARVALHO CESAR
GABRIEL VASQUES DE BARROS
MAGDA LUZIA NEVES
LIDELCI FIGUEREDO BENTO
SUELI CRISTINA SCHADECK ZAGO
SUELEN UMBELINO DA SILVA
ANDRÉ FELLIPE FREITAS RODRIGUES

Metodologias alternativas ao uso de animais na educação de graduação em Medicina tem sido propostas para enriquecer o aprendizado e eliminar "gaps" educacionais com o objetivo de favorecer a sedimentação dos conteúdos teóricos por parte dos alunos. Sendo assim, a criação de um simulador para o estudo da hipersensibilidade do tipo I pode ser uma ferramenta colaborativa para o processo de ensino na disciplina de Imunologia. Este trabalho teve como objetivo avaliar um simulador de baixo custo como ferramenta para o aprendizado dos mecanismos celulares e moleculares presentes nas reações de hipersensibilidade do tipo I durante o curso da disciplina de Imunologia. O presente trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE 73750723.7.0000.5515). Seguindo a orientação dos docentes da disciplina e após a demonstração sobre o uso do simulador, os estudantes realizam o teste de puntura, específico para o estudo da hipersensibilidade do tipo I, seguindo da leitura dos resultados e interação entre o conhecimento teórico e prático dos mecanismos imunológicos ocorridos. Posteriormente, os estudantes não-identificados e após concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, avaliaram a atividade respondendo um questionário composto por escalas específicas para a satisfação e autoconfiança com a aprendizagem (ESEAA), simulação em si (EDS) e prática educacional (EPQ). Os estudantes atribuíram pontos de 1 a 5 por meio da escala de Likert para todos os itens das escalas. Os dados coletados foram descritos e correlacionados com auxílio do Coeficiente de Correlação de Pearson considerando o grau de significância de 1%. Um total de 103 alunos voluntários responderam o citado questionário. Os resultados para ESEAA e EDS apresentaram média de $4,6 \pm 0,7$ pontos, com mediana igual a 5 e p25 igual a 4,0. Já para a EPQ, a pontuação média geral foi igual a $4,5 \pm 0,7$, com mediana igual a 5,0, e p25 igual a 4,0. Todas as correlações observadas foram positivas, o que aponta para semelhanças entre as respostas dos itens cujos fatores se mostraram correlacionados. Considerando os resultados obtidos, pode-

se concluir que o simulador de baixo custo utilizado foi eficiente como ferramenta para o aprendizado dos mecanismos celulares e moleculares presentes nas reações de hipersensibilidade do tipo I. PEIC - UNOESTE Protocolo CAAE: 73750723.7.0000.5515

CARACTERIZAÇÃO DOS COMPORTAMENTOS DE RISCO NO ATENDIMENTO ÀS GESTANTES COM FILHOS PORTADORES DE MALFORMAÇÕES CARDÍACAS EM SÃO PAULO ENTRE 2017 E 2023

NATALIA SOPRANI PEREIRA CASTILHO
CAIO FELIPE DA SILVA ROMAO
VICTOR HUGO FERNANDES FERRAZ
ARTHUR RODRIGUES DA CUNHA
CAMILLE GUELFY ALVES
ISADORA NASCIMENTO
LORENA GARCIA PALMA
MARIA EDUARDA BERNARDO GALICIANO PEDRO
THAINA LOSS DOS ANJOS
RÔMULO CESAR ARNAL BONINI

Dentre as patologias congênitas, o acometimento cardíaco mostrou-se como a anomalia mais comum. Os avanços no diagnóstico pré-natal associados aos protocolos de vigilância rigorosos destinados ao parto e o atendimento de saúde ambulatorial da gestante resultaram na diminuição da morbimortalidade dos nascidos vivos. É essencial identificar os possíveis comportamentos de risco que favoreçam o desenvolvimento de doenças cardíacas fetais considerando a dimensão dos acometimentos. Este estudo possui como objetivo identificar comportamentos de risco nos cuidados em saúde com a gestante associados a nascidos vivos com malformações cardíacas para evitá-las na intenção de reduzir a incidência de anomalias fetais. Neste estudo ecológico, foi utilizada a plataforma PubMed e empregou-se como descritores "Prenatal Care", AND "Heart Defects, Congenital" e "Risk Factors" AND "Heart Defects, Congenital". Os dados foram extraídos do Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos - SINASC, referentes ao período de 2017 a 2023, os quais foram sintetizados através da formulação de tabelas no Excel®. A taxa de nascimento de crianças com malformação do aparelho circulatório em São Paulo, foi de 2,81 casos por 1000 nascimentos. Sobre as gestações, a idade da mãe mais incidente foi de 45 a 49 anos, a menor de 15 a 19 anos. A instrução da mãe em destaque, esteve entre 12 anos e mais, já o estado civil foi viúva. Quanto a raça prevaleceu a amarela. Sobre o pré-natal, destacaram-se as que não realizaram pré-natal com 0,48% de acometimento, enquanto mais que adequado 0,27%. Nascidos com 22 a 27 semanas obtiveram maior número de malformações. O tipo de parto mais frequente foi a cesariana. O peso ao nascer com maior índice esteve entre 500 a 999g. A maior parte nasceu com um apgar entre 0 a 2 no 1º minuto, e 3 a 5 no 5º. A incidência de nascidos com anomalias cardíacas destaca a importância de uma triagem eficaz e cuidados pré-natais. O fato de que a maioria das mães tem entre 45 a 49 anos, e que a

escolaridade média é de 12 anos ou mais, sugere a necessidade de estratégias de educação em saúde para esse perfil. A predominância do parto cesáreo está relacionada a identificação precoce das patologias e indicação por parto de risco. Na maioria das gestações afetadas não se realizou o pré-natal. Esses indicadores e a maior taxa entre amarelos sinalizam a necessidade de investigar fatores sociais, genéticos, econômicos e acesso a saúde de qualidade que influenciam na gestação. Dessa forma este estudo destaca a importância da triagem e do cuidado pré-natal na identificação e manejo de comportamentos de risco. É crucial a promoção dos cuidados pré-natais, educação em saúde, monitoramento de condições de risco e redução das desigualdades no acesso a esses serviços. É necessário a continuidade de pesquisas nessa área para especificar os fatores modificadores nestas gestações. UNOESTE

COMPARAÇÃO ENTRE A VALVULOPLASTIA COM BALÃO PERCUTÂNEA E AS COMISSUROTOMIAS CIRÚRGICAS PARA TRATAMENTO DE ESTENOSE MITRAL: REVISÃO SISTEMÁTICA

RAFAEL VUJANSKI NACHI
THIAGO PUGLIESI HUSS
RÔMULO CESAR ARNAL BONINI

A estenose mitral é caracterizada pelo estreitamento do orifício da valva mitral que leva a um comprometimento do fluxo cardíaco, tendo a febre reumática como sua principal causa. Há mais de 50 anos, diversas técnicas cirúrgicas de plastia mitral foram desenvolvidas para o tratamento da estenose mitral. Inicialmente surgiu a comissurotomia cirúrgica a céu fechado, sendo uma das operações cardíacas mais realizadas no início da segunda metade do século XX. Em seguida veio a comissurotomia cirúrgica a céu aberto, após o advento da circulação extracorpórea, substituindo relativamente a fechada. Em 1984 a valvuloplastia com balão foi introduzida pelo cirurgião japonês Inoue, com o objetivo de alcançar um efeito equivalente à comissurotomia cirúrgica a céu fechado, mas sem a realização da toracotomia, por meio da força expansiva de um balão. Nesse contexto, devido a pouca disponibilidade de novos estudos comparativos dessas técnicas, surge a justificativa para esta revisão. Comparar a valvuloplastia com balão percutânea com as comissurotomias cirúrgicas para tratamento da estenose mitral. Revisão sistemática. Serão incluídos apenas ensaios clínicos randomizados. Serão utilizadas as bases de dados: Pubmed/Medline, Embase, Web of Science, Cochrane Library e Scopus. O desfecho primário será a melhora da classe funcional clínica do paciente e do grau de estenose da valva mitral após a intervenção. Os desfechos secundários serão: mortalidade, sobrevida livre de reintervenção. Serão extraídos dos estudos os seguintes dados: perfil dos pacientes que foram submetidos a plastia mitral (idade, sexo), comorbidades apresentadas por eles, sobrevida livre de reintervenção, mortalidade cirúrgica dos pacientes, mortalidade hospitalar pós-operatória, taxa de sobrevida dos pacientes. Para a avaliação da qualidade metodológica dos estudos incluídos será utilizada a ferramenta Cochrane ROB 2 tool. Oito ensaios clínicos randomizados foram incluídos para a análise comparativa das intervenções, totalizando 634 pacientes, sendo 305 submetidos à valvuloplastia com balão percutânea e 329 às comissurotomias cirúrgicas. Não houve diferença estatisticamente significativa entre as duas intervenções em relação aos desfechos estudados de melhora da classe funcional, grau de estenose avaliado pela área valvar mitral, mortalidade e sobrevida livre de reintervenção. Os estudos apresentaram resultados ligeiramente superiores para uma técnica em relação à outra em determinados desfechos, entretanto tais diferenças foram insignificantes e

variaram entre os estudos, não permitindo a determinação de uma técnica superior. O estudo atingiu o objetivo de comparar ambas as intervenções para o tratamento da estenose mitral. No entanto, ao serem comparadas, não foi possível estabelecer uma superioridade entre elas.

COMPARAÇÃO ENTRE OS INDICADORES DE MORBIMORTALIDADE DA INSUFICIÊNCIA CARDÍACA NOS REGIMES DE ATENDIMENTO DO BRASIL EM 10 ANOS.

CAIO FELIPE DA SILVA ROMAO
NATALIA SOPRANI PEREIRA CASTILHO
VICTOR HUGO FERNANDES FERRAZ
MARIA CLARA DIAS FARIAS
AMANDA AIZZA CACERES
CAROLINA GARCIA VELLOSO
LUIZ FERNANDO CANHOTO GONÇALVES
MONIQUE MILHORANCA MARCIANO
YAGO GUEDES RODRIGUES
RÔMULO CESAR ARNAL BONINI

A insuficiência cardíaca é uma síndrome clínica que em decorrência de alterações funcionais e estruturais do coração provoca modificações na pressão e débito cardíaco, resultando em uma série de sinais e sintomas. A IC pode ser classificada por meio da fração de ejeção (FE) ou ainda funcionalmente de acordo com a gravidade dos sintomas. Por se tratar de uma doença de alta mortalidade, tanto os sistemas de saúde públicos quanto os privados enfrentam desafios distintos na gestão dessa condição. Considerando as diferenças estruturais e operacionais entre os regimes público e privado, e a relevância da IC no Brasil, torna-se necessário avaliar os resultados desses dois sistemas para comparar a abordagem da insuficiência cardíaca, a fim de identificar disparidades no acesso, qualidade e eficácia do atendimento. Esse estudo busca analisar o resultados das terapêuticas para a IC comparando entre os regimes público e privado no período de 2013 a 2023 no Brasil. Neste estudo ecológico foram utilizadas as bibliotecas PUBMED e Scielo, através das palavras chave: heart failure, treatment, mortality, heart disease. Utilizou-se dados do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH/SUS) e Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), elaborando tabelas através do Excel. Sobre as internações por IC, indicaram 1,63% de todas as internações no regime público, e 2,4% no privado. Por faixa etária, pessoas de 10 aos 39 anos internaram mais no público, e de 40 a 80 anos e mais, no privado. Quanto as regiões, Norte e Nordeste internaram mais no público, Sudeste, Sul e Centro Oeste, no privado. Os homens foram os mais internados por IC, com maior incidência no privado. Entre cores, a maior prevalência na preta no setor privado. O privado obteve a maior quantidade de dias de internação, com o sexo masculino prevalecendo. Pacientes de cor branca permaneceram por mais dias e no regime privado. Em ambos, a taxa de mortalidade prevalece entre 80 anos e mais. A população com maior taxa de

mortalidade foi a do sexo feminino no setor público, entre os indivíduos acima de 80 anos, especialmente na região Sudeste. Somente às raças/cores amarela e indígena tiveram uma maior taxa de mortalidade no setor privado o restante apresentou taxa mais alta no setor público. A maior prevalência de internações no regime privado pode relacionar-se a menor quantidade de diagnósticos dessa patologia no setor público. Além disso, a taxa de mortalidade associada a dificuldade de acesso à terapêutica de qualidade e atendimento no tempo adequado. Conclui-se que o regime privado concentrou a maioria das internações por IC no Brasil durante o período do estudo, enquanto no regime público o índice de mortalidade mostrou-se maior. Portanto, apesar de estabelecidos tais números, é necessário que sejam esclarecidos os fatores responsáveis por tais discrepâncias, a fim de proporcionar para a população, o melhor manejo da IC tanto no setor público como no privado. UNOESTE

DIMESILATO DE LISDEXANFETAMINA ALTERA OS TIPOS DE COLÁGENOS CARDÍACO: ESTUDO EXPERIMENTAL ANIMAL

ANA CAROLINA BISCOLA CATUCCI
FRANCIS LOPES PACAGNELLI
ALESSANDRA STRAIOTO SALOMÃO
GISELE CORREIA DA SILVA

O Dimesilato de Lisdexanfetamina (LDX) é um medicamento mais utilizado no Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) em jovens. Essa medicação é simpaticomimética aumenta a transmissão noradrenérgica e dopaminérgica com elevações da frequência cardíaca e pressão arterial. Entretanto, não há estudos que avaliem os aspectos da remodelação cardíaca principalmente em indivíduos cujo coração está em crescimento em relação a matriz extracelular, mais especificamente, no colágeno. O objetivo deste estudo foi avaliar o impacto do medicamento LDX no colágeno cardíaco de ratos jovens. Estudo aprovado pelo Comitê de Ética do Uso de Animais da Universidade Estadual de Londrina (CEUA-UEL) OF. CIRC. Nº 82/2019. Foram utilizados 14 ratos machos Wistar divididos e dois grupos (n=7), grupo LDX, que receberam 11,3 mg/kg/dia de LDX diluído em salina a 0,9% e grupo controle (C) solução salina 0,9%) em igual volume, ambos receberam via gavagem, por quarenta dias consecutivos. (dia pós-natal 25 a 65 que correspondem a fase juvenil e peripuberal). Após esse período os ratos foram eutanasiados e o ventrículo esquerdo (VE) processado e corado com Picro Sírius Red. Para análise da quantidade de colágenos foram tiradas 5 fotos por lâminas/animais em microscópio com aumento de 40X. Após as imagens foram polarizadas para identificação dos tipos de colágenos. Para análise de normalidade dos dados foi aplicado o teste de Shapiro Wilk e os dados comparados pelo Mann Whitney. Não houve alteração no percentual de colágeno (C: 8,04 (7,03-13,22) vs. LDX: 8,91 (8,0-9,23); p =0,39. Os colágenos tipo I e III aumentaram nos animais expostos ao LDX (Tipo I= C: 11,51 (11,18 -12,08) vs. LDX: 16,73 (16,29-17,34), p= 0,0006; (Tipo III= C: 0,37 (0,34-0,64) vs. LDX: 2,05 (2,01- 2,29), p=0,007. O Dimesilato de Lisdexanfetamina promoveu alteração da remodelação cardíaca com aumento dos tipos de colágenos I e III. Universidade do Oeste Paulista Protocolo CEUA: 8537

EFICÁCIA DOS INIBIDORES DA APOLIPOPROTEÍNA-C3 NO TRATAMENTO DA HIPERTRIGLICERIDEMIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

MILENE VITORIA SAMPAIO SOBRAL
RAFAELA DA CUNHA PIROLLA
DIULIA CISCON MARTINS
JOÃO PEDRO PEREIRA DOS SANTOS
DANIELI PEREIRA DA SILVA
CARINA ASSAKAWA
TANIA APARECIDA ALVES VILELA
GABRIELA DE LIRA SILVA
FRANCIS LOPES PACAGNELLI
MOZART ALVES GONÇALVES FILHO

A hipertrigliceridemia (HTG) é uma condição altamente prevalente na população mundial que se associa a um risco elevado para o desenvolvimento de esteatose hepática não alcoólica, pancreatite e potencialmente de doenças cardiovasculares. Embora terapias atuais, como fibratos e estatinas, contribuam para a redução dos níveis de triglicéridos (TG), medicamentos que visam novas vias podem fornecer opções alternativas para pacientes que são intolerantes a terapias existentes ou as doses necessárias para fornecer redução adequada nos níveis desta lipoproteína. Contudo, a eficácia dessas novas drogas permanece obscura. Investigar, por meio de uma inédita revisão sistemática com metanálise, a eficácia dos oligonucleotídeos antisense contra o mRNA, voltados para a apolipoproteína-C3 (APOC3), comparados ao placebo em portadores HTG. Esta revisão sistemática foi realizada de acordo com as diretrizes da Cochrane Collaboration e da Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analysis (PRISMA). A busca foi realizada sistematicamente, em outubro de 2024, nas bases de dados PubMed, Embase e Cochrane por ensaios clínicos randomizados (ECR), com pacientes adultos (maiores de 18 anos) e diagnóstico laboratorial confirmado de HTG ($TG \geq 200$ mg/dL), seguindo estratégias de tratamento convencionais, tais como estatina ou fibrato, acompanhadas de inibidores da APOC3 (anti-APOC3). Foram excluídos estudos que relataram o recrutamento de pacientes com lipodistrofia parcial familiar ou síndrome de hiperquilomicronemia familiar. As análises estatísticas foram realizadas usando o Review Manager 5.4. A qualidade metodológica dos estudos foi avaliada usando a ferramenta Revised Cochrane risk-of-bias tool for

randomized trials (RoB 2) e a certeza geral da evidência foi avaliada usando a abordagem GRADE. Os resultados de interesse foram: alteração percentual de TG, lipoproteína de alta densidade (HDL) e APOC3. A busca nas bases de dados resultou em 236 artigos, sendo que 6 ECR, compreendendo 414 pacientes, foram incluídos com base nos critérios de elegibilidade. Todos os estudos apresentaram baixo risco de viés em todos os domínios da ferramenta RoB 2, indicando boa qualidade metodológica. Dos participantes estudados, 219 (52.9%) receberam anti-APOC3 e 195 (47.1%) receberam placebo. Quando comparado ao placebo, os inibidores da APOC3 reduziram significativamente os níveis de triglicérides (MD -55.89; 95% CI -61.76 a -50.01) e APOC3 (MD -61.70; 95% CI -71.11 a -52.28), além de aumentar os níveis de HDL (MD 30.19; 95% CI 23.10 a 37.28). Em pacientes com HTG, o uso de inibidores da APOC3 foi associado a reduções significativas nos níveis de TG e APOC3, e elevação nos níveis de HDL. Esses achados sugerem que essa classe de medicamentos representa uma alternativa eficaz com potencial de modificar a prática clínica atual ao oferecer uma opção viável para pacientes que não toleram ou não respondem às terapias convencionais para HTG. Não há.

ESTUDO COMPARATIVO DA PREVALÊNCIA DE NEOPLASIA MALIGNA DE MAMA NO PERÍODO PRÉ, PANDÊMICO E PÓS PANDÊMICO

LEONARDO HIDEKI NAGATA
DANIELA TEREZA ASCENCIO RUSSI
ANA TERESA SILVA MAIA DE ARAÚJO
GABRIELA HARO DE MELO

O câncer de mama é o segundo tipo de câncer mais comum entre as mulheres, tendo como os principais fatores para o seu desenvolvimento a idade avançada e o histórico familiar. Com o crescimento do número de casos, fez-se necessário estratégias para prevenção, detecção e tratamento precoce do câncer, podendo ser feitas através da mudança de estilo de vida e exames de rastreamento com a mamografia, sendo mais indicada para realização do exame mulheres entre 50 e 69 anos bianualmente. A pandemia trouxe novos desafios. A necessidade de seu tratamento trouxe grande impacto no sistema de saúde, havendo adiamento da realização de exames de mama, negligência dos sinais e sintomas e insegurança quanto ao confinamento de grande número de pessoas nas unidades de saúde. Dito isso, o presente estudo analisou o número de casos do câncer de mama registrados no período pré pandêmico, pandêmico e pós pandêmico na tentativa de evidenciar um perfil com atrasos na realização do exames de rastreamento, o que implicaria no aumento do número de diagnóstico em estágios mais avançados. JUSTIFICATIVA Portanto, é importante investigar o perfil epidemiológico do câncer de mama par auxiliar os profissionais de saúde em suas condutas e elaborar campanhas de conscientização sobre os cuidados contra a doença. Este estudo pode fornecer informações para garantir que as estratégias de prevenção e detecção precoce sejam reforçadas e eficazes, especialmente após os desafios impostos pela pandemia. Comparar a prevalência da neoplasia maligna da mama no período pré, pandêmico e pós pandêmico no Brasil, no estado de São Paulo e na cidade de Presidente Prudente. Levantar o número de casos de internação por neoplasia maligna e de mamografias realizadas nas bases de dados disponíveis no DATASUS. Calcular a prevalência por sexo e nas faixas etárias de 20 a 49 anos, 50 anos e mais. Trata-se de uma pesquisa epidemiológica de cunho ecológico descritivo, na qual foi investigado o número de internação por câncer de mama e de mamografias no Brasil, estado de São Paulo e na cidade de Presidente Prudente-SP. Para a obtenção dos dados da população, foram utilizadas bases de dados públicas do DATASUS e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Houve uma queda nas notificações de câncer de mama

no Brasil e no estado de São Paulo e no município de Presidente Prudente para faixa etária acima de 50 anos no período pandêmico, que voltaram a subir nos anos subsequentes. A taxa de realização de mamografia a cada 1000 mulheres também caiu de 2019 para 2020 em todas as unidades geográficas consideradas. O presente estudo evidenciou um influência significativa da pandemia no perfil epidemiológico do câncer de mama, em decorrência de uma importante redução nos cuidados com a saúde da mulher, especialmente na população mais acometida pela patologia.

INVESTIGAÇÃO SOBRE A PREVALÊNCIA DO CÂNCER DO COLO DE ÚTERO NAS DIFERENTES REGIÕES DO BRASIL ENTRE 2012 E 2023

FRANCISCO MÔNICO MOREIRA
NATALIA DA SILVA LIMA
EMANUELA PALMA DE MORAES
GABRIEL FERREIRA MENESES DE LIMA
GIULIA QUISINI VIVAN
MICHELLY
BEATRIZ MANGANARO DIAS
MONICA RAFAELA DA GAMA MOREIRA

O câncer é uma patologia caracterizada pelo crescimento rápido e anormal de células, que podem invadir tecidos adjacentes e se disseminar para outros órgãos. A carcinogênese do câncer de colo uterino (CCU) ou câncer cervical ocorre na zona de transformação, local onde mais de 90% das infecções se desenvolvem, grande maioria dos casos estão relacionados à infecção persistente pelo Papilomavírus Humano (HPV). O Ministério da Saúde através do Programa Nacional de Imunização disponibiliza a vacina quadrivalente no Sistema Único de Saúde (SUS) para adolescentes de 9 a 14 anos. Além da vacinação, existe a avaliação das mulheres por meio da triagem realizada pelo exame Papanicolau, que permite a identificação precoce da lesão. Investigar a prevalência do câncer do colo de útero nas diferentes regiões do Brasil e faixas etárias, entre 2012 e 2023 Este é um estudo ecológico baseado em dados do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH-SUS) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), abrangendo o período de 2012 a 2023. O estudo avalia a prevalência da patologia por meio dos dados de internação, estratificados por região e faixa etária. A prevalência total por neoplasia de colo do útero no Brasil apresentou um aumento de cerca de 14 vezes entre o primeiro e o segundo ano avaliados. Entre 2013 e 2016, observou-se uma leve redução, seguida por um novo aumento entre 2016 e 2019. Apesar do aumento notório na faixa etária de 20 a 29 anos, as mulheres demonstraram um comprometimento ainda mais importante acima dos 30 anos, na qual as taxas dos últimos anos estudados se tornaram próximas à da faixa etária mais acometida. Este estudo ecológico explora a evolução da prevalência de internações hospitalares por neoplasia maligna de colo do útero no Brasil entre 2012 e 2023, revelando importantes tendências epidemiológicas e variações regionais e etárias. A análise dos dados evidencia que tanto a região quanto a faixa etária influencia significativamente na taxa de prevalência da doença. A diminuição nas faixas etárias acima de 50 anos pode refletir o efeito dos programas de triagem e a eficácia do tratamento precoce.

MORTALIDADE POR DOENÇA RENAL HIPERTENSIVA NO BRASIL DE 2019 A 2022: UM ESTUDO ECOLÓGICO

ANDRESSA BOSISIO CARVALHO
LÍGIA OLIVEIRA SILVA
MARIANA LAPA GUARNIER
FRANCINE MORAES GODOY
MAYARA CAMILLE FERNANDES FERREIRA
THAIS CRISTINE MASSELANI DE MOURA SANTOS
CAMILA ARAUJO NOGUEIRA
SUELEN UMBELINO DA SILVA

A doença renal hipertensiva (DRH) é uma condição caracterizada por lesão renal associada à hipertensão arterial crônica, levando a alterações estruturais e comprometendo a função dos rins. O aumento da pressão nos vasos renais ativa o sistema renina-angiotensina-aldosterona, contribuindo para inflamação, fibrose e perda progressiva da função renal, com complicações como distúrbios cardiovasculares, eletrolíticos e insuficiência renal. No Brasil, estima-se que mais de 10 milhões de pessoas tenham a doença, com cerca de 90 mil em diálise. Além disso, a hipertensão, um dos principais fatores de risco, afeta milhões de pessoas no mundo, com projeções de crescimento significativo nos próximos anos. Assim, esse estudo visa traçar um perfil epidemiológico da DRH no Brasil entre 2019 e 2022, investigando a mortalidade entre as regiões, sexos e faixas etárias, o que pode permitir a elaboração de hipóteses sobre o acesso aos serviços de saúde e desigualdades no atendimento. Avaliar a mortalidade por DRH nas regiões do Brasil, entre os sexos e faixas etárias, de 2019 a 2022. Estudo ecológico descritivo, com coleta de dados realizada no Sistema de Informações sobre Mortalidade, via DATASUS, sob o CID-10:I12, por região, sexos e faixa etária. Os dados das projeções populacionais do IBGE também foram coletados do DATASUS. Foram calculadas as taxas de mortalidade a cada 100.000, e proporções em relação ao total do período, no software Excel. A região com as maiores taxas foi o Sudeste, seguido pelo Sul, Centro-Oeste, Nordeste e Norte. A maior mortalidade do período foi de 2,64 (100.000 hab.), em 2021 na região Sudeste; e a menor foi de 1,74 em 2022 no Norte. As maiores variações das taxas foram de 13% no Nordeste e no Sul de 2019-2020, e as menores foram de -13% no Norte e -8% no Sudeste de 2021-2022. Em geral, 53% dos óbitos do período foram masculinos; as taxas de mortalidade entre os homens variaram de 2,4 a 2,6; e entre as mulheres de 2,0 a 2,1. Quanto à idade, 91,6% dos óbitos do período foram de mais de 50 anos, sendo que, abaixo dessa faixa etária, as taxas foram menores do que 0,9, e acima, foram de 2,4 de 50 a 59 anos, 5,5 de 60 a 69 anos, 12,8 de 70 a 79 anos, e 39,1 acima de 80 anos. O aumento entre as duas

últimas faixas etárias foi de 206%. A mortalidade por DRH no Brasil de 2019 a 2022 teve maiores taxas no Sudeste e menores no Norte. Os homens foram ligeiramente mais afetados do que as mulheres, e um aumento perceptível na mortalidade ocorreu após os 50 anos. Unoeste

O IMPACTO DA PANDEMIA DO COVID-19 NOS NÍVEIS DE INTERNAÇÕES POR CONDIÇÕES SENSÍVEIS À ATENÇÃO PRIMÁRIA (ICSAP).

GABRIEL FERREIRA RIBEIRO MIGUEL
ANNA CARDOSO IMPERADOR
GABRIELA HARO DE MELO
ANA TERESA SILVA MAIA DE ARAÚJO
DANIELA TEREZA ASCENCIO RUSSI
SUELEN UMBELINO DA SILVA

O indicador de condições sensíveis à atenção primária (ICSAP) caracteriza um conjunto de adversidades em saúde para as quais uma melhora na resolutividade da atenção primária, não levaria à internação hospitalar. Elevadas taxas de ICSAP podem indicar sérios problemas de acesso ou o desempenho do sistema de saúde. Diversos fatores são capazes de remodelar o ICSAP, como o Covid-19. Dada as repercussões da pandemia do COVID-19, com destaque para os seus efeitos pós-pandêmicos na saúde das pessoas, incluindo a redução do acesso aos serviços de saúde, seja por colapso do atendimento ou receio de contágio, situações que poderiam impactar nas CSAP aumentando ou reduzindo as internações por CSAP. Analisar a evolução do ICSAP, no estado de São Paulo e no Brasil, comparando os períodos de 2018 a 2023. Estudo ecológico, os dados foram coletados no SIH/SUS, considerando os dados relativos ao estado de SP e ao Brasil no período entre os anos de 2018 e 2023. Foram apresentados em taxas de internações a cada 100.000 habitantes. Foram calculadas as medianas do período para melhor visualização das diferenças entre as causas de internação, e foram calculadas as variações das taxas para três intervalos do período, 2018 - 2023, 2018 - 2020 e 2021 - 2023. As três principais causas, a cada 100.000 habitantes, de internações foram pneumonias bacterianas (mediana de 299,07 no Brasil, e 237,16 em SP), doenças cerebrovasculares (mediana de 105,79 no Brasil, e 101,85 em SP) e Insuficiência cardíaca (mediana de 94,51 no Brasil, e 84,62 em SP). No Brasil, de 2018 para 2023 os maiores aumentos ocorreram para as taxas de doenças cerebrovasculares (16%), anemia (16%) e epilepsias (16%). E as maiores quedas ocorreram para hipertensão (-32%) e gastroenterites infecciosas (GEI) e complicações (-29%). Já em São Paulo, os maiores aumentos ocorreram para asma (34%) e doenças cerebrovasculares (11%). E as maiores quedas ocorreram para GEI e complicações (-32%) e hipertensão (-28%). De 2018 para 2020, houve queda das dez principais causas de internações por CSAP no Brasil, com destaque para asma (-46%) pneumonias bacterianas (-39%), gastroenterites infecciosas e complicações (-39%) e hipertensão (30%). Em SP, também observamos quedas para as dez principais causas, com destaque para gastroenterites infecciosas e complicações

(-44%), asma (-34%), pneumonias bacterianas (-33%) e hipertensão (-26%). De 2021 para 2023 os registros das ICSAP tiveram aumento para todas as dez principais causas de interações, sendo, no Brasil: pneumonias bacterianas (82%), asma (57%) e infecções da pele e tecido subcutâneo (37%). Em SP, pneumonias bacterianas (57%), asma (42%) e infecções da pele e tecido subcutâneo (38%). A COVID-19 influenciou nas internações por CSAP, principalmente nas pneumonias bacterianas, doenças cerebrovasculares e insuficiência cardíaca, em todo Brasil. O aumento verificado em 2023 foi superior ao de 2018 refletindo a necessidade de atendimentos represados durante a pandemia.

PANORAMA DOS TRANSPLANTES CARDÍACOS NO BRASIL E EM SUAS REGIÕES: ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DE 2013 A 2023

VICTOR HUGO FERNANDES FERRAZ
CAIO FELIPE DA SILVA ROMAO
NATALIA SOPRANI PEREIRA CASTILHO
ISABELA FERNANDES DE OLIVEIRA
NATHALIA ALVES HOLZHAUSEN
MARIA EDUARDA YUKI MIYOSHI
JOÃO VICTOR ALVES DA SILVA
FLÁVIO PUGLIESI INAGUE
LAURA FRAZILLI GOMES DA COSTA
RÔMULO CESAR ARNAL BONINI

O transplante cardíaco é indicado na insuficiência cardíaca avançada refratária e contraindicado na infecção sistêmica ativa, diabetes com lesões de órgãos alvo grave, tabagismo ativo e acima de 70 anos. De 2013 a 2023, o número de transplantes aumentou de 272 para 424, e mais de 52% dos pacientes na fila receberam em até 90 dias em 2023, contudo, a sobrevida em 7 anos decaiu para 54%. Esse procedimento pode ser a única esperança de vida a alguns e, devido à importância do tema, a presença de estudos que não analisam a situação das regiões brasileiras e uma parcela considerada baixa de doações de órgãos, faz-se necessário esse artigo. Analisar os dados dos transplantes cardíacos no Brasil e em suas regiões, de 2013 a 2023. Estudo ecológico realizado através de dados do DATASUS por meio do Sistema de Informações Hospitalares, de onde foram retirados, e posteriormente analisados no Microsoft Excel, os dados de 2013 a 2023: número de procedimentos, gastos, internação, mortalidade e permanência, referentes ao procedimento de transplante cardíaco por região e por ano. Nesse período, houve 3.187 internações para transplante cardíaco no Brasil, tendo a região Sudeste a maior taxa, 52,2%, além de maiores gastos hospitalares e uma média de permanência de 18,4 dias. Já a região Centro-oeste foi a que apresentou menores taxas, com 9,3% e por consequência, os menos gastos e uma média de permanência de 20,5 dias. A taxa de mortalidade na região Sudeste foi de 12,48 com um total de 208 óbitos, enquanto na região Centro-oeste foi de 11,41, somando 34 óbitos. A taxa de internação aumentou de 2013 para 2023 em todas as regiões, as regiões Nordeste e Sudeste aumentaram em 46% o número de internações, a região Sul em 48,6%, a região Centro-oeste em 123% e não há dados da região Norte.

Em relação à evolução da taxa de mortalidade, notou-se que em 2014 houve a maior amostra, de 13,31%, e no ano de 2018 a menor com 7,77%, tendo o total de todos os anos em questão de 11,45%, todavia, nota-se variações dessa taxa com predomínio de redução da mortalidade. A média de permanência foi de 17,2%, maior em 2013 do que em 2023, 16,5% e 15,4% respectivamente. A região Sul apresentou a menor taxa inicial com 11,3%, a região Sudeste com a maior taxa final de 17% e a região Centro-Oeste com a maior variação (20,5%). Aumento significativo nas internações para transplante cardíaco nesse período, com disparidades regionais, fruto da descentralização de campanhas de conscientização, políticas públicas e infraestrutura hospitalar. A região Sudeste foi responsável por mais da metade das internações e maiores gastos hospitalares, devido à concentração de centros especializados. Já a região Centro-Oeste teve as menores taxas de internação, mas uma progressiva diminuição da mortalidade. A redução do tempo de permanência hospitalar indica maior eficiência no tratamento, no entanto, a necessidade de maior suporte nas regiões menos desenvolvidas para garantir acesso equitativo. UNOESTE.

TERAPIA COM VESÍCULAS EXTRACELULARES PARA O TRATAMENTO DA REABSORÇÃO ÓSSEA: REVISÃO SISTEMÁTICA

FRANCISCO MÔNICO MOREIRA
VIRGÍNIA AMORIN FRÓES DE MORAES
ANDRÉ FELLIPE FREITAS RODRIGUES
SUELI CRISTINA SCHADECK ZAGO
CAROLINA DOS SANTOS SANTINONI
GRAZIELA GARRIDO MORI

O desbalanço entre a atividade de reabsorção e deposição óssea decorrente da perda de homeostase por doenças inflamatórias resulta na perda exacerbada de osso. Sabe-se que os meios atuais de tratamento acarretam diversos efeitos colaterais e o uso de Vesículas Extracelulares (EVs) tem se tornado promissor na medicina regenerativa, elucidando uma alternativa para o tratamento de doenças reabsortivas. O objetivo desse trabalho foi analisar, por meio de uma revisão sistemática, a efetividade das EVs em suas diferentes dosagens e tamanhos para o tratamento da reabsorção óssea in vivo. O estudo foi conduzido de acordo com as recomendações do PRISMA. A busca eletrônica foi realizada até maio de 2024, utilizando-se as bases de dados PubMed/MEDLINE, Scopus e Cochrane Library para responder a pergunta PICO: "A terapia com EVs seria eficiente para o tratamento da reabsorção óssea?". O controle da reabsorção óssea foi considerado como os desfecho primário. A dosagem e o tamanho das vesículas configuram-se como desfechos secundários. O risco de viés foi realizado de acordo com a ferramenta SYRCLE's RoB. Um total de 764 artigos foram analisados e após a aplicação dos critérios de elegibilidade e da exclusão dos artigos em duplicata, 30 estudos foram selecionados. Na maioria dos estudos, verificou-se o controle da reabsorção óssea após o uso das EVs em comparação com o não uso das mesmas. O tamanho das EVs variou em uma faixa ampla entre valores de 20 a 260nm, sendo as mais empregadas com um tamanho entre 50 e 150nm. A dosagem aplicada não foi constante entre os estudos, variando-se na concentração da EVs e no veículo utilizado, sendo sua administração feita de forma isolada ou em conjunto com PBS ou solução salina, principalmente. A injeção intravenosa, local ou de forma subcutânea foram as mais usadas. A análise do risco de viés demonstrou alta evidência científica na maioria dos estudos selecionados. Em conclusão, o uso das Evs, em seus diferentes tamanhos, dosagens e formas de administração, apresentaram-se eficientes como uma terapia alternativa às drogas tradicionais, em decorrência de seu alto potencial de controlar a

PESQUISA

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA - UNOESTE

COMUNICAÇÃO

Ciências da Saúde

ORAL

Medicina

TINTA COMPOSTA POR NANOPARTÍCULAS DE ÓXIDO DE ZINCO: ATIVIDADE ANTIMICROBIANA E FOTOCATALÍTICA.

JOAO GABRIEL KATSUMI UTIMURA ZORZATTO

ANGELA MITIE OTTA KINOSHITA

ISABELLA CAROLINE DE OLIVEIRA BARRETTO

Bactérias hospitalares formam biofilmes em superfícies secas, o que facilita a disseminação de patógenos, incluindo organismos multirresistentes (MROs), contribuindo para a transmissão de doenças entre pacientes. Para combater essa ameaça, os processos oxidativos avançados (POA's), como a fotocatalise heterogênea, têm sido estudados por sua eficiência antimicrobiana. A fotocatalise utiliza semicondutores irradiados por luz para gerar radicais hidroxila (HO[•]), capazes de destruir microrganismos e degradar poluentes. Entre os semicondutores, o óxido de zinco (ZnO) se destaca por seu bandgap ideal, maior meia-vida dos elétrons e baixo custo, sendo uma alternativa promissora ao TiO₂. As nanopartículas de ZnO (ZnO-NPs) mantêm suas propriedades fotocatalíticas mesmo em escalas nanométricas, aumentando a área superficial e, conseqüentemente, sua eficiência antimicrobiana contra bactérias Gram-positivas (*Staphylococcus aureus*), Gram-negativas (*Escherichia coli*) e bactérias do grupo ESKAPE. Sua aplicação em superfícies hospitalares pode reduzir a transmissão de patógenos, melhorar a segurança dos pacientes e oferecer uma solução de baixo custo e alta durabilidade para o controle de infecções. Incorporar nanopartículas de óxido de zinco em uma tinta e avaliar sua capacidade fotocatalítica e antimicrobiana. Foi realizado a produção de nanopartículas por meio de precipitação que, posteriormente, foram tratadas termicamente a 150°C por 2 horas garantindo partículas com diâmetros entre 20 e 30 nanômetros e com estrutura no formato de folhas para potencializar a sua ação antimicrobiana. Após isso, foram realizadas a microdiluição em placas de 96 poços da nanopartícula produzida, juntamente com colônias de bactérias em uma metade da placa e na outra, a diluição da droga controle ciprofloxacina, também adicionado as colônias, utilizada como meio de comparação dos resultados. Depois da realização da microdiluição, foi realizada coloração por meio de resazurina para mensurar a atividade metabólica da bactéria e determinar a concentração inibitória mínima (CIM) da nanopartícula. A atividade antimicrobiana foi testada usando o processo de

microdiluição em caldo, resultando em uma concentração inibitória mínima de 0,78 µg/mL contra *Staphylococcus aureus* (ATCC-33591). O band gap das nanopartículas foi determinado por espectroscopia U-Vis, resultando em 2,6 eV. Resultados preliminares da atividade fototacalítica mediada pela luz UV indicam uma redução na absorbância do corante azul de metileno (2 mg/L) e ZnO (50 mg/L) de 0,65 para 0,50 em $\lambda = 662$ nm quando exposto a 30 min de radiação UV-C (18 W). Os resultados preliminares demonstram o potencial desse nanomaterial para combater microrganismos e podem direcionar trabalhos futuros para a criação de superfícies antimicrobianas, extremamente úteis em ambientes hospitalares, indústria alimentícia, entre outros. FAPESP-Nº:2024/00424-0

A PREVALÊNCIA DE TRAUMATISMO CRANIOENCEFÁLICO NO BRASIL NO PERÍODO DE 2013 A 2023

DANIELE PELEGRINI CORAL
REBECA ALESSI TEDESCHI PACHEGA
MARCIO ANTONIO GONCALVES JUNIOR
LUCAS ARAGÃO PINTO
GUILHERME HENRIQUE DALAQUA GRANDE
LEANDRA ERNST KERCHE

O traumatismo cranioencefálico (TCE) apresenta-se como um problema de saúde pública com elevado poder incapacitante. Esse tipo de trauma acomete cerca de 69 milhões de pessoas no mundo todos os anos. No Brasil no decênio de 2013 a 2023 houve 108.557 mil pessoas internadas pela injúria, cuja maioria compõe o contingente populacional economicamente ativo. Atesta-se, desse modo, o elevado impacto econômico causado por essa doença. Portanto, faz-se relevante o estudo desse acometimento, com vistas a promover maior divulgação acerca do cenário epidemiológico supracitado e reunir melhores condutas emergenciais e tratamentos prognósticos. Analisar a prevalência de internação de TCE no Brasil e a taxa de mortalidade hospitalar decorrente de TCE no decênio entre 2013 e 2023. Trata-se de um estudo ecológico, baseado nos dados do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS). Considerou-se internações por Trauma Cranioencefálico (CID-S06), no Brasil entre 2013 e 2023. A avaliação baseia-se nas taxas de prevalência de internações hospitalares, assim como taxa de mortalidade hospitalar, estratificada por gênero e faixa etária, para 100.000 habitantes. Investigou-se o número de internações por TCE no Brasil no decênio de 2013 a 2023, com maior prevalência da faixa etária economicamente ativa, destacando as idades entre 20 e 29 anos com prevalência acima de 4,5 por 100 mil habitantes em todos os anos supracitados. Ainda, desse montante, há grande preponderância do gênero masculino frente ao feminino com média de 4:1 respectivamente. Observou-se que, apesar de a prevalência de casos de TCE ser maior em jovens, a taxa de mortalidade específica foi maior em idosos, de modo que, acima de

80 anos foi de aproximadamente 30 a cada 100 mil habitantes em todos os anos do estudo. Além disso, constatou-se que a taxa de mortalidade específica referente ao sexo foi maior no sexo masculino frente ao sexo feminino, em uma proporção de 4:1 a cada 100 mil habitantes. O estudo desse cenário epidemiológico é fundamental para a compreensão do impacto da prevalência das internações hospitalares por traumatismo cranioencefálico e das taxas de mortalidade por essa mesma causa. Desse modo, conclui-se que esse estudo se faz relevante para reunir dados que possam contribuir com a literatura já existente.

ABORDAGENS ANTITROMBÓTICAS PÓS INTERVENÇÃO CORONÁRIA PERCUTÂNEA: UMA ANÁLISE INTEGRATIVA DA EVIDÊNCIA CLÍNICA

VICTOR HUGO FERNANDES FERRAZ
NATALIA SOPRANI PEREIRA CASTILHO
BEATRIZ BAVARESCO MACEDO MONTEIRO
FELIPE MUNHOZ DE SOUZA
FELIPE KENZO TAKAHACHI SATURNINO
BEATRIZ VILAS BOAS DE OLIVEIRA
MARIA MARCELA LIMA RAPCHAN
LAIS SOPRANI SANCHEZ
LORENA JANOTTO STEFANE
RÔMULO CESAR ARNAL BONINI

Fibrilação atrial (FA) é uma arritmia comum e cerca de 20% a 30% apresentam doença arterial coronariana (DAC) associada, necessitando alguns de intervenção coronária percutânea (ICP). Para reduzir o risco de eventos trombóticos, as diretrizes americana e europeia de cardiologia recomendam a terapia tripla (TAT), composta por anticoagulantes orais (OAC), inibidor P2Y12 e aspirina, entretanto, novas linhas de tratamento propõem a terapia dupla (DAT), semelhante à anterior, mas sem os OAC ou até o uso de antagonistas da vitamina K (AVK). Portanto, frente a essas dicotomias, faz-se necessário este artigo para verificar a eficácia das terapias existentes. Analisar na literatura a eficácia das terapias antitrombóticas na redução de complicações e mortalidade pós ICP. Revisão integrativa utilizando os principais bancos de dados online, PubMed e Elsevier, com base nos seguintes descritores: "Antithrombotic" e "Percutaneous coronary intervention" e critérios de inclusão: revisão sistemática, ensaio clínico randomizado e meta-análise, datados de até 5 anos. Obtido 110 artigos no início, passados por três triagens, obteve-se 9 artigos para análise, dos quais abordavam o tema proposto e apresentavam nível A de evidência científica, sendo os demais excluídos por não abordarem o devido desfecho da pergunta PICO - verificar a eficácia da terapia antitrombótica e a redução da mortalidade pós-operatória. Uso de DAT ou TAT, quando comparado ao AVK, foi associado a um risco significativamente menor de hemorragia grave [OD 0,577; IC 95%, 0,477-0,698], porém risco semelhante em processos isquêmicos [OD 0,844; IC 95%, 0,557-1,281]. A DAT está relacionada a menores sangramentos quando comparada à TAT [OD 0,598; IC 95%, 0,491-0,727]. Dentre os inibidores da P2Y12, ticagrelor [RR 1,38; IC 95%, 1,20-1,60] e prasugrel [RR 1,85; IC 95%, 1,25-2,74] foram associados a maiores taxas de hemorragia que o clopidogrel. Entretanto, o DAT apresenta risco significativamente maior para eventos trombóticos

comparado ao TAT [OD 1,672; IC 95%, 1,022-2,733; P=0,041], mas não para infarto do miocárdio [OD 1,13; IC 95% 0,86-1,48] ou acidente vascular cerebral [OD 0,82; IC 95% 0,51-1,31]. Os achados consolidam a evidência de que a DAT é uma estratégia eficaz em pacientes com FA submetidos à ICP, principalmente aqueles com DAC estável ou risco moderado de trombose, oferecendo um equilíbrio entre segurança e eficácia, no qual apresenta um risco significativamente reduzido de eventos hemorrágicos, em comparação com a TAT. Entretanto, a TAT oferece uma proteção maior contra trombose de stent em casos de risco elevado, sendo de preferência para ser utilizada em período periprocedimental em pacientes com maior risco deste diagnóstico. São necessários ensaios clínicos randomizados mais amplos, para otimizar as recomendações terapêuticas, particularmente em subgrupos com FA e síndromes coronarianas agudas, além de refinar o papel da TAT em contextos de alto risco trombótico. UNOESTE.

ACIDENTES DE TRÂNSITO E SAÚDE PÚBLICA: UM ESTUDO ECOLÓGICO SOBRE INTERNAÇÕES E CUSTOS NO SUS

EDUARDO MOLINA FERREIRA
GABRIELA MONTANHOLI
ISABELA DE SOUZA SANTOS
ISADORA MANZANO DE CAMPOS
LUIZE MONARA SOUSA NASCIMENTO DOS SANTOS
MARIA ISABELA MUSA LIMA MALDONADO
NATHALIA TORRES MONTEIRO
RAYSSA ANDRADE GALDINO DA SILVA
MARIANA CAROLINA VASTAG RIBEIRO DE OLIVEIRA

Os acidentes de trânsito é um dos maiores desafios para a saúde pública no Brasil, estando entre as principais causas de mortalidade e morbidade. Dados de 2023 mostram que a taxa de mortalidade por acidentes de transporte no Brasil foi de 18,9 por 100.000 habitantes, evidenciando a gravidade da questão. Além das perdas humanas, esses acidentes sobrecarregam o sistema de saúde, gerando altos custos hospitalares e sociais. No Estado de São Paulo, que possui a maior frota de veículos do país, a prevalência de acidentes de trânsito é superior a outras regiões, devido à densidade populacional e ao volume de veículos em circulação, aumentando o risco de acidentes. Os dados fornecidos pelo INFOSIGA-SP e pelo SIH/SUS permitem uma análise detalhada do perfil das vítimas e dos custos hospitalares associados, reforçando a necessidade de ações preventivas. Analisar o impacto dos acidentes de trânsito no estado de São Paulo, com base em dados do INFOSIGA-SP e do SIH/SUS. Evidenciadas as características das vítimas: faixa etária e sexo, tipos de acidentes e os custos financeiros associados aos atendimentos hospitalares. Quanto a análise estatística, utilizou-se a regressão logística para as variações categóricas para os tipos de acidentes e as internações hospitalares, justificando a capacidade de estimar a probabilidade de ocorrência de um evento em função de variáveis independentes, sendo os valores de "p" considerados significativos quando inferiores a 0,05 sendo utilizado o software estatístico Statistical Package for the Social Sciences (SPSS). Em 2023, foram registradas 20.000 internações hospitalares relacionadas a acidentes de trânsito no SUS de São Paulo. Os motociclistas representaram 48% das internações, seguidos por atropelamentos (20%) e colisões de veículos leves (15%). A faixa etária mais afetada foi de 18 a 34 anos, com predominância masculina (75%). O custo médio por internação foi de R\$ 1.500, totalizando R\$ 18 milhões em despesas hospitalares. Acidentes envolvendo motociclistas mostraram uma associação significativa com internações ($p=0,002$), enquanto atropelamentos também foram significativos ($p=0,045$). Colisões de veículos

leves não mostraram associação significativa ($p=0,120$). Esses resultados estão de acordo com a literatura, que indica que motociclistas, devido à menor proteção física, estão mais expostos a lesões graves. Além disso, a prevalência de vítimas jovens e do sexo masculino está alinhada com estudos que apontam esse grupo como mais vulnerável a comportamentos de risco no trânsito. Conforme Silva et al. (2021), os comportamentos incluem: desrespeito às normas e velocidade excessiva tais fatores podem contribuir para a alta taxa de internações nesse grupo. A alta prevalência de vítimas jovens e motociclistas ressalta a necessidade urgente de políticas públicas voltadas à educação no trânsito, fiscalização rigorosa e melhorias na infraestrutura viária, visando reduzir os acidentes e seus custos socioeconômicos. Não consta.

ANÁLISE DA MORBIMORTALIDADE DA NEOPLASIA MALIGNA DO COLO DE ÚTERO EM SÃO PAULO NO PERÍODO DE 2013 A 2023

GIOVANNA CASTRO AGUILLAR
DANIELA TEREZA ASCENCIO RUSSI
DANIELA NAKATANI GONÇALVES

As neoplasias malignas de colo de útero apresentam alta incidência, sendo relevantes causas de morbimortalidade na população feminina. Segundo o SIM (Sistema de informação sobre mortalidade) a taxa de mortalidade média anual por câncer do colo do útero foi (7,58) óbitos por 100 mil mulheres em São Paulo no ano de 2023. Devido a magnitude da doença e a sobrecarga do sistema de saúde, pesquisas com o objetivo de analisar a morbimortalidade da neoplasia do colo do útero são importantes, pois permitem explicar mudanças nos padrões de ocorrência e tendências temporais desses eventos. O objetivo desse trabalho é analisar os dados acerca da morbimortalidade da neoplasia maligna do colo do útero no estado de São Paulo, no período de 2013 a 2023 em mulheres de 20 a 80 anos. O trabalho foi desenvolvido visando estudo ecológico, por meio da extração de dados das plataformas SIH/SU (Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde) e SIM (Sistema de Informação sobre Mortalidade). Os gráficos desenvolvidos indicam as taxas de prevalências de internação e mortalidade de mulheres em determinadas faixas etárias por neoplasia maligna do colo do útero, no período de 2013 a 2023 no estado de São Paulo. Os resultados mostraram que a maior prevalência da neoplasia maligna do colo de útero ocorreu na faixa etária 60 a 80 anos, atingindo o pico de casos nos anos de 2014 (1195) e 2019 (2022), entretanto, a prevalência em tal faixa teve queda significativa no ano de 2023, sendo sobreposta pela faixa etária de 40-59 anos. De modo congruente, a faixa etária com maior taxa de mortalidade foi 60-80+ (58%). Além disso, foi possível concluir que a faixa etária com menor prevalência da patologia foi 20-39 anos, apesar de os dados indicarem um aumento progressivo da prevalência ao longo dos anos. Coerentemente, a menor taxa de mortalidade da neoplasia foi na faixa etária 20-39 anos (11%). Fica evidente que a prevalência de mulheres afetadas por neoplasia do colo de útero aumentou de forma geral nos últimos 10 anos, fato condizente com a mortalidade pela mesma condição.

ANÁLISE DA MORBIMORTALIDADE DE SEPTICEMIA NO BRASIL E ESTADO DE SÃO PAULO ENTRE 2018 E 2022.

EMANUELLE GIACOMELLI CARDOSO
MAISA VITORIA DE OLIVEIRA SANTOS
LARISSA KAORI TERUYA
GUILHERME HENRIQUE DALAQUA GRANDE

Sepse é definida como uma disfunção orgânica potencialmente fatal causada por uma resposta desregulada do hospedeiro à infecção, caracterizada por sinais de disfunção de órgãos, com alteração aguda no estado de consciência, insuficiência respiratória, circulatória, renal e hepática. Dados de países desenvolvidos sugere estimativas globais de 31,5 milhões de casos de sepse, com um potencial de 5,3 milhões de mortes anuais. Assim, justifica-se esse estudo devido à alta morbimortalidade da septicemia, sendo necessário conhecer os dados acerca da doença no Brasil, a fim de subsidiar estratégias de saúde para a melhoria do prognóstico do quadro. Analisar a morbimortalidade de Septicemia no território nacional e no estado de São Paulo, entre 2018 a 2022, sexo masculino e feminino, entre 20 a 59 anos. Trata-se de um estudo ecológico onde os dados foram coletados no Departamento de Informática do SUS (DATASUS) utilizando o sistema de informação hospitalar do SUS (SIH/SUS), Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM, e a projeção da população em estudo foi coletada do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Nas taxas calculadas tanto de prevalência quanto de mortalidade específica, foram utilizadas a base de 100.000 habitantes. Em São Paulo, a média da prevalência masculina, 125,81 (1,25%) foi maior que a feminina, 108,83 (1,08%) sendo o ano mais prevalente o de 2019, com 34.108 internações, e o de menor prevalência o de 2021, com 28.474. No Brasil, a média da prevalência masculina foi de 113,96 (1,13%) maior que a média feminina, de 100,50 (1,00%). O ano com maior número de internações foi 2022, com 141.451 casos, e o menor, 2020, com 119.010 casos. Em São Paulo, o ano com mais óbitos foi 2021 com 990 casos, e o com menos, 2018, com 597 óbitos. No ano de 2021 a Taxa de Mortalidade Específica (TME) masculina é de 4,73 quase o dobro da TME feminina que foi de 2,62. No Brasil, o ano com mais óbitos também foi 2021 com 4.631 óbitos, e o com menos, 2018, com 3.472 óbitos. No ano de 2021 a TME masculina foi de 4,72, quase o dobro da TME feminina que foi de 2,87. Em ambas as análises de mortalidade, os dados de 2022 não estavam disponíveis. Conclui-se que o sexo masculino, é o mais afetado pela septicemia, e o que possui pior prognóstico, evidenciado pela taxa de mortalidade, quase o dobro da feminina. Além disso, observa-se que apesar das taxas de prevalência sofrerem pequenas alterações, os óbitos aumentaram de maneira expressiva. Com isso, presume-

se que o Brasil se encontra com projeções negativas, sendo necessárias medidas para identificação, controle e prevenção de sepse. UNOESTE

ANÁLISE DA TAXA DE FREQUÊNCIA E DA MORTALIDADE POR TUBERCULOSE ENTRE OS ANOS DE 2016 A 2022 NO BRASIL

VINICIUS EUGÊNIO TARDIN PASCHOAL
LUCAS ARAGÃO PINTO
RUAN ENRICO MARTINS DE ANDREA
DANIELE PELEGRINI CORAL
ANGÉLICA AUGUSTA GRIGOLI DOMINATO
SUELEN UMBELINO DA SILVA

A tuberculose (TB) é uma doença infecciosa transmissível causada pelo bacilo de Koch (BK). É transmitida por via aérea através da inalação de aerossóis ou secreções de indivíduos infectados, sendo a forma pulmonar mais comum e relevante por manter o ciclo de transmissão da doença. No Brasil é uma doença endêmica com frequência maior nas periferias das grandes cidades, geralmente associada à pobreza, baixa imunidade, e ligada às condições de vida da população. Segundo a OMS, mais de 10 milhões de pessoas são infectadas pelo bacilo no mundo e a TB faz cerca de 1,5 milhão de vítimas anuais. A TB é de preocupação global, especialmente nos países em desenvolvimento, onde condições socioeconômicas precárias e cepas resistentes a medicamentos dificultam o controle da doença. A análise do cenário brasileiro serve para guiar o controle endêmico da doença, e torna-se importante para países de condições socioeconômicas e habitacionais semelhantes no combate da TB. Análise da taxa de frequência e da mortalidade por tuberculose no Brasil no período de 2016 a 2022. Estudo ecológico de análise retrospectiva. Os dados referentes à tuberculose foram encontrados no Sistema de Informações de Agravos e Notificações do SUS (SINAN/SUS). O estudo utilizou a plataforma Excel e os cálculos estatísticos: Frequência = (Nº de casos da doença / População residente) x 100000; TMG = (Nº de óbitos diretos e indiretos / População residente) x 100000 para cálculo da taxa de mortalidade geral (TMG); TM = (Nº de óbitos diretos / População residente) x 100000. Frequência por sexo alta e constante da tuberculose no Brasil no período avaliado, possuindo o sexo masculino taxas de frequência iguais ou ligeiramente superiores à 1000 a cada 100000 indivíduos enquanto o sexo feminino apresentou taxas de frequência na casa de 400 a cada 100000 indivíduos (destaque para o ano de 2020 com valor próximo a 300). O estudo demonstrou que a taxa de mortalidade geral (TMG) por tuberculose no Brasil oscilou de 638 no ano de 2016 à 719 em 2022, com máxima em 2021 de 859 a cada 100000 indivíduos. E a taxa de mortalidade por TB (CID 10) variou entre 2,157 no ano de 2019 e 2,721 no ano de 2022 a cada 100000 indivíduos durante o período analisado de 2016 à 2022. A tuberculose é um problema significativo no Brasil, com taxas de frequência e mortalidade constantes e altas. Condições de vida

estão ligadas às taxas de frequência e mortalidade. Causas subjacentes (representado por TMG) são responsáveis por aumento abrupto da mortalidade em relação à mortalidade por causa direta (CID 10). A prevalência de TB no sexo masculino é pouco superior ao dobro do sexo feminino.

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DA PNEUMONIA EM SÃO PAULO DE 2019 A 2023

GABRIELY CRISTINA MARQUES
NINA VIEIRA DE CARVALHO
MARIA CLARA BIAZINI PAZ
GUILHERME CESAR DE SOUZA SAITO
ANA CLARA CAMPAGNOLO GONÇALVES TOLEDO

A pneumonia é uma doença comum com alta mortalidade, sendo esta a quinta causa mais comum do Brasil. É uma doença inflamatória aguda causada por microorganismos ou por inalação de produtos tóxicos que comprometem os espaços pulmonares. A gravidade da pneumonia depende da patogenicidade do agente causador e das condições clínicas do doente. Os fatores de risco para desenvolver pneumonia são variados, desde idade avançada, sexo masculino e predisposição genética, até tabagismo, exposição à poluição do ar e presença de doenças crônicas. Além disso, a imunização deficiente e a falta de acesso a serviços de saúde adequado são indicadores que aumentam a vulnerabilidade das populações à pneumonia, intensificando o quadro epidemiológico. Estudo realizado para analisar epidemiologicamente a pneumonia, no estado de São Paulo, quanto ao sexo e faixa etária, com intenção de planejar medidas preventivas de saúde, devido a associação com a vasta poluição do estado, número de pessoas com doenças crônicas e tabagistas. Estudo conduzido e reportado segundo critérios do checklist STROBE . Busca e análise de dados do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde, entre 2019 a 2023, com base na prevalência de internações hospitalares pelo CID 10- J18, no estado de São Paulo. A partir de uma análise descritiva conforme a frequência de casos de pneumonia em relação ao sexo e faixa etária calculado por meio de um formulário padronizado do Excel. A prevalência da Pneumonia no estado de São Paulo, nos últimos 5 anos, sofreu redução de 2019 a 2021, mas passou por aumento de quase 50% à 2023. Em 2019, a prevalência de internações hospitalares por pneumonia foi a cada 1000 pessoas 2,53 necessitaram de internação; já 2021 apresentou a cada 1000 pessoas 1,59 internada, destacando a redução mencionada. Concomitantemente, foram analisadas prevalência por sexo durante os 5 anos de avaliação, em todos os períodos o sexo masculino mostrou predominância de internações por pneumonia, com destaque a 2019 e 2020 que apresentaram uma diferença 0,4 maior em relação as mulheres. Quanto a faixa etária, internações na população 60 anos ou mais prevaleceram, principalmente, nos últimos dois anos abordados, os quais cada 1000 pessoas 11 foram internadas; seguidos da população pediátrica, de 0 a 19 anos, que a cada 1000 quase 8 pacientes necessitaram de internação. A Pneumonia, no estado de São Paulo, nos 5 anos analisados, mostrou entre

2019 a 2021 uma redução de internações, mas a partir de 2022 passou a ter um significativo aumento dessa prevalência. Assim, como São Paulo é o estado mais populoso do país, estratégias de prevenção, como melhorias na política pública à atenção primária, no acesso a cuidados médicos e nas medidas de conscientização da população são fundamentais para reduzir a morbidade, especialmente nas populações mais vulneráveis encontradas na pesquisa, como os idosos (60 anos ou mais) e população do sexo masculino. UNOESTE

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DAS INTERNAÇÕES POR QUEIMADURAS ELÉTRICAS E QUÍMICAS NO BRASIL (2013-2023)

HENRICO RODRIGUES TAVARES GODOY
HEITOR NEGRÃO LUNHANI
BRUNA GIROTTO DORNELAS
ISABELA FERNANDES DE OLIVEIRA
LÍGIA OLIVEIRA SILVA
LUCAS SOUZA ANTUNES
MARIA EDUARDA DOS SANTOS RODENAS
TAINÁ BAHIA RICARDO
ANA CLARA CAMPAGNOLO GONÇALVES TOLEDO
GUILHERME HENRIQUE DALAQUA GRANDE

Queimaduras podem gerar lesões graves, que devido à sua natureza envolvem a destruição de tecidos em diversas intensidades e profundidades, com sequelas complexas e duradouras, tanto físicas como psicológicas, necessitando de período de tratamento prolongado. Em muitos casos essas lesões são frutos de acidentes decorrentes de prevenção indevida. Este estudo visa complementar os conhecimentos existentes sobre a morbidade desses eventos, e ser útil para a criação de planos de prevenção para os grupos de risco e o correto manejo de pacientes com queimaduras elétricas e químicas. Analisar o perfil epidemiológico das internações por queimaduras químicas e elétricas pelo SUS no Brasil no intervalo de 2013 a 2023, avaliando variáveis quanto ao sexo e faixa etária. Este estudo foi realizado de acordo com os critérios do checklist STROBE para relato de estudos observacionais em epidemiologia, e foram utilizados dados obtidos através da base de dados do Sistema de Informação Hospitalar do SUS (SIH/SUS) para a obtenção de resultados acerca da morbidade de queimaduras químicas e elétricas no Brasil, durante o período de 2013 a 2023. Utilizaram-se filtros abrangendo os grupos de causas externas W e X do Capítulo XX do CID-10. Foram obtidos dados acerca da prevalência geral, por sexos e por faixa etária. A população residente utilizada foi obtida através de dados do IBGE. Dessa forma foram realizados cálculos e confecção de gráficos através da plataforma Excel, utilizando uma base de 10.000.000 de acordo com o ano de internação. Considerando cada 10 milhões de habitantes e o período de 2013 a 2023, a prevalência média de queimaduras elétricas no sexo masculino foi de 185,45 ($\pm 24,36$), com aumento de 608% em relação à prevalência do sexo feminino (26,18 $\pm 12,08$) em todo período analisado. Além disso a faixa etária com maior prevalência foi a de 20 a 59 anos (média 129,23 $\pm 18,51$) em todo o período analisado. Para as queimaduras químicas foi obtido cenário semelhante, porém com menor número de casos. Houve maior prevalência no sexo

masculino (média $16 \pm 3,4$) e um aumento de 119% em relação a população feminina (média $7,31 \pm 1,9$). Já em relação a faixa etária não há predominância significativa durante o período analisado com a formação de uma curva heterogênea, porém com a faixa etária de 20 a 59 anos apresentando média ligeiramente mais elevada (média $12,26 \pm 2,7$). Os resultados encontrados refletem os achados dos demais estudos que abordam esses temas, evidenciando a relação das queimaduras com atividades laborais e acidentes de trabalho, devido à prevenção inadequada. Conclui-se que as queimaduras elétricas e químicas no Brasil do período de 2013 a 2023 acometem majoritariamente a população do sexo masculino, da faixa etária de 20 a 59 anos principalmente nos casos de queimadura elétrica. Sendo exposta a necessidade de programas de prevenção a acidentes laborais mais efetivos.

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DESCRITIVA DA CÓLERA NO BRASIL DE 2014 A 2023: UM ESTUDO ECOLÓGICO

CAMILA MORAIS FARIAS
LARISSA MARIOTO BARBOSA
CAROLINA MENDONÇA THEISEN
SUELEN UMBELINO DA SILVA
ANA CLARA CAMPAGNOLO GONÇALVES TOLEDO

A cólera é uma doença causada pela bactéria *Vibrio cholerae* - bacilo gram negativo curvo. A transmissão é via fecal-oral pela ingestão de alimentos ou água contaminados. A doença tem um curto período de incubação e pode evoluir rapidamente para surtos em larga escala, sendo seu principal sintoma a diarreia aguda que leva à desidratação severa. O presente trabalho visa determinar a prevalência dessa patologia no Brasil, para auxiliar na fiscalização do reaparecimento da cólera na população. Dado que o saneamento básico do país - importante fator de controle da disseminação da doença - mostra-se ainda em necessidade de melhora com apenas 52.2% do esgoto produzido no país tratado, caracterizando-o como um potencial local de um novo surto. Sendo assim, este estudo busca esclarecer por meio de um levantamento sistemático de dados nacionais tendências temporais que podem não ter sido observadas, tornando o estudo único e relevante tanto para a vigilância epidemiológica quanto para a formulação de políticas de saúde pública no país. Investigar e comparar a prevalência de cólera no Brasil em relação à sexo e faixa etária entre 2014 e 2023. Estudo descritivo ecológico que utilizou a base de dados Sistema de Informações Hospitalares (SIH/SUS). Foi realizada uma análise comparativa da prevalência de internações por cólera, em relação à sexo e à faixa etária de 0-9, 10-19, 20-59 e 60+ anos, entre o período de 2014 a 2023. Foram utilizadas taxas a cada 1.000.000 de habitantes. Dentro do período analisado houve morbidade total de 7.656. Os anos de 2014, 2016 e 2017 apresentaram as maiores taxas de prevalência, respectivamente 5,6, 5,35 e 6,38. Em 2018 houve uma queda da prevalência, sendo esta 2,73, seguida de aumento em 2019, indo para 3,03. Em 2020 foi registrada a menor prevalência, 2,06, e desde então houve um aumento gradativo, com 2,77 em 2023. Ambos os sexos foram acometidos de modo semelhante pela doença ao longo dos anos, com taxa entre os homens com média de 3,71 e entre as mulheres com média de 3,6. Em 2016 e 2017 a prevalência foi superior entre idosos, 60+, sendo em média 1,53 vezes maior em relação às crianças, de 0 a 9 anos. Porém, entre 2021 e 2023, a prevalência foi superior na faixa etária de 0 a 9 anos, variando de 1,76 a 2,3 vezes maior do que na faixa etária de 60 anos ou mais. Apesar da prevalência de cólera no Brasil ter se mantido baixa, houveram variações significativas ao longo dos anos, com picos em 2014, 2016 e 2017, uma queda em 2018 e um aumento gradual até 2023.

Enquanto a faixa etária de 60+ anos foi mais acometida em alguns anos, houve inversão, com maior prevalência entre crianças de 0 a 9 anos nos últimos três anos. Clinicamente, os profissionais de saúde devem estar atentos ao risco de recidiva da cólera, especialmente em populações vulneráveis, crianças e idosos, e à possibilidade de subnotificação, particularmente em áreas com condições socioeconômicas desfavoráveis, para garantir um diagnóstico precoce e intervenção rápida.

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DO ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL NO BRASIL DE 2015 A 2023: UM ESTUDO ECOLÓGICO

TAINÁ BAHIA RICARDO
ISABELA FERNANDES DE OLIVEIRA
BRUNA GIROTTI DORNELAS
HEITOR NEGRÃO LUNHANI
HENRICO RODRIGUES TAVARES GODOY
LÍGIA OLIVEIRA SILVA
LUCAS SOUZA ANTUNES
MARIA EDUARDA DOS SANTOS RODENAS
ANA CLARA CAMPAGNOLO GONÇALVES TOLEDO
GUILHERME HENRIQUE DALAQUA GRANDE

O Acidente Vascular Cerebral é uma síndrome neurológica de ocorrência multicausal com comprometimento do suprimento sanguíneo cerebral, ocasionando a redução ou falta do mesmo. No mundo, o AVC representa a principal causa de mortalidade, estando muitas vezes associado a fatores de risco, como a idade. Dessa forma, estudos epidemiológicos são úteis para discriminar e compreender estes fatores de risco dentro de uma população, e auxiliar com a construção de programas de prevenção efetivos. Embora seja conhecido que a idade avançada e o sexo masculino são fatores de risco para AVC, os dados atualizados sobre a prevalência em diferentes faixas etárias e sexos ainda são escassos, especialmente em relação a variações ao longo do tempo e em uma população brasileira. O estudo aborda essas diferenças e permite uma análise mais refinada de como as características da doença evoluíram nos últimos anos. Analisar a prevalência do Acidente Vascular Cerebral no Brasil de 2015 a 2023, compreendendo a distribuição dos casos em relação ao sexo e à faixa etária mais afetada. Este estudo foi realizado segundo os critérios do checklist STROBE para estudo observacional em epidemiologia, utilizando dados do SIH/SUS. Foram calculadas taxas de prevalência geral e por sexo (base de 10.000 habitantes) e por faixa etária (base de 100.000 habitantes), com filtros do Capítulo VI e código 164 do CID-10. A população residente foi obtida do IBGE, e a análise dos resultados foi feita por tabelas e gráficos elaborados no Excel. Entre o período de 2015 a 2023, o ano de maior prevalência dos casos de internações hospitalares ocasionados por AVC foi de 2022, com uma prevalência de 8.65, seguido pelos anos de 2023 (8.42), 2019 (7.77) e 2021 (7.70), para cada 10 mil habitantes. Ao se analisar a prevalência por sexo, há maior prevalência no sexo masculino no período avaliado. Ambos os sexos apresentaram população de cerca de 100 milhões de habitantes durante o período analisado e maior taxa de internações no ano de 2022, sendo o sexo masculino com prevalência de 9.30 e o feminino com

prevalência de 8.03 neste ano para cada 10 mil habitantes. Com relação à faixa etária, a população com 80 anos ou mais apresentou a maior prevalência dos casos de internações no período estudado, comparado às faixas etárias de 20 a 59 anos e 60 a 79 anos. O ano de 2015 foi o de maior prevalência de internações para a faixa etária de 80 anos ou mais em relação aos demais anos (487 a cada 100 mil habitantes). Os achados demonstram que a idade avançada é um fator de risco para a doença e que a população do sexo masculino é mais acometida. A análise dos dados mostrou um aumento nas internações por AVC no Brasil entre 2015 e 2023, com um pico em 2022. Os resultados são consistentes com a literatura e prática clínica, destacando a necessidade de estratégias de saúde pública voltadas à prevenção do AVC, especialmente entre homens e idosos, focando em reduzir fatores de risco modificáveis. Universidade do Oeste Paulista

ANÁLISE SOBRE TRANSTORNOS MENTAIS E COMRPORTAMENTAIS NOS ANOS DE 2018 - 2022 NO BRASIL.

MARIA ALICE ARRUDA DE CARVALHO SOUZA
DANIELA TEREZA ASCENCIO RUSSI
ANA LIVIA FERREIRA DOS SANTOS
BIANCA TOM MARCHI
MARIA EDUARDA DUGAICH ALGAZAL

Os transtornos mentais e comportamentais representam um problema de Saúde Pública, os quais são influenciados por uma conjunção de fatores que prejudicam o equilíbrio emocional e atingem pessoas de todas as idades e sexo, embora cada grupo tenha especificidades. Nos anos de 2018-2022 no Brasil, foi possível observar que a maior prevalência de internação devido aos transtornos mentais ocorre em mulheres na faixa etária dos 15 aos 39 anos, além disso, ao longo das últimas décadas, acompanhando a evolução da psiquiatria clínica, as diversas fases do ciclo reprodutivo passaram a ser vistas, potencialmente, como fatores "geradores de estresse" ou de maior vulnerabilidade para determinados transtornos mentais. Nessa perspectiva, é notável a importância de estudos epidemiológicos sobre esse tema para direcionar uma maior atenção ao público mais propenso a desenvolver transtornos mentais e comportamentais. Analisar a prevalência dos transtornos mentais e comportamentais no Brasil, realizando distinção entre os sexos e as faixas etárias mais acometidas pelas patologias da mente e do comportamento, entendendo a necessidade de direcionar um melhor cuidado aos mais acometidos. Esse é um estudo ecológico que tem como finalidade descrever a prevalência dos transtornos mentais e comportamentais, considerando a variável de sexo e faixa etária baseado em dados extraídos do DATASUS por meio do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS) e Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), no período de 2018-2022 no Brasil. Além disso, também foram analisadas as bases de dados PubMed e Scielo, fazendo-se uso dos MeSH terms "Mental and behavioral disorders" A partir das análises feitas com os dados do DATASUS, observou-se que no período de 2018-2022, o sexo feminino apresentou maior prevalência de transtornos mentais e comportamentais em todos os anos, sendo que no ano de 2022 a prevalência feminina foi de aproximadamente 2,5 enquanto a masculina foi de 1,25 - comprovando assim o dobro da prevalência em mulheres. Na análise feita por faixa etária, é perceptível que a faixa etária de maior prevalência vai de 15 a 39 anos. Além dessa análise, um estudo observacional retrospectivo, observou que a prevalência de mulheres em idade fértil com transtornos mentais e comportamentais é muito significativa, nele foram identificados 16.639 casos com pelo menos um diagnóstico dos quatro grupos diagnósticos de transtorno mental:

9,3% casos de depressão, 16,9% casos com transtorno de ansiedade, 24,2% casos com transtorno somatoforme/dissociativo e 11,7% casos de reações de estresse agudo. Conclui-se que os transtornos mentais e comportamentais são um problema de saúde e afetam a qualidade de vida das pessoas. Por isso, é de extrema importância os profissionais de saúde identificar o público de maior prevalência, mulheres em idade fértil, e desde a atenção primária dar a elas o devido cuidado, evitando que quadros leves se agravem, levando até a hospitalizações.

ASSOCIAÇÃO DE ANSIEDADE E DEPRESSÃO COM DOR CERVICAL E LOMBAR RELACIONADO AO NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA EM MULHERES SOBREVIVENTES AO CÂNCER DE MAMA

VITORIA MAYUMI DANNO BARBOSA RAMOS
LEONARDO ROSSETO DE OLIVEIRA
CRYSTIAN BITENCOURT SOARES DE OLIVEIRA
DIEGO GIULLIANO DESTRO CHRISTOFARO
GUILHERME HENRIQUE DALAQUA GRANDE

O câncer de mama é a neoplasia mais frequente em mulheres. Após o diagnóstico, a autoestima diminui, favorecendo o desenvolvimento de transtornos psiquiátricos, como ansiedade e depressão. Com isso, há tendência em diminuir os níveis de atividade física, o que contribui no surgimento de disfunções musculoesqueléticas, dentre elas, dor cervical e lombar. Então observamos a necessidade de um estudo que busque a relação entre essas patologias e o nível de exercício físico. Analisar a relação entre o nível de atividade física e a incidência de dor cervical e lombalgia, em associação com ansiedade e depressão em mulheres sobreviventes a neoplasias mamárias. Este estudo transversal é composto por 118 mulheres sobreviventes ao câncer de mama, aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da FCT/UNESP (CAAE: 54169416.6.0000.5402), e foram coletadas características demográficas e clínicas. O grau de atividade física foi mensurado através do questionário de Baecke e o tempo de sedentarismo, por meio do tempo de tela fornecido pelas participantes. Também foi avaliado o nível socioeconômico por meio do critério brasileiro de classificação econômica, e grau de sedentarismo por meio de perguntas simples, segundo o questionário de comportamento sedentário (SBQ). Já as dores musculoesqueléticas foram selecionadas por causas idiopáticas, sem razões específicas, e avaliadas pelo Örebro Musculoskeletal Pain Screening Questionnaire (ÖMPSQ). A prevalência de dor cervical foi de 34,6% e de dor lombar de 56,2%. Nas mulheres fisicamente ativas, não foi observada associação entre ansiedade e cervicalgia. Quanto a depressão e dor cervical, foram observadas associações nas participantes inativas (OR: 5,10; IC95% 1,35 a 19,27; p= 0,016), mas não naquelas classificadas como ativas (OR: 0,86; IC95% 0,09 a 8,24; p= 0,900). Em relação à dor lombar, as psicopatologias não se associaram, independentemente do nível de atividade física. Observou-se que sobreviventes de câncer mamário apresentam alta prevalência de dor lombar e cervical e que a atividade física é um fator protetor para a associação entre depressão e cervicalgia. Quanto a lombalgia não houve associação nesta variável. UNOESTE Protocolo CAAE: 54169416.6.0000.5402

AVALIAÇÃO DA BRONQUIOLITE AGUDA NA POPULAÇÃO IDOSA BRASILEIRA DOS ANOS 2019 A 2023: ESTUDO ECOLÓGICO

ISADORA LOBATO DE MAURO
HELOISA ALESSI PISSULIN
DANIELA TEREZA ASCENCIO RUSSI

A bronquiolite é uma infecção viral que afeta os bronquíolos, podendo acometer todas as faixas etárias, mas com impacto desproporcionalmente alto idosos (maior ou igual a 65 anos). O Vírus Sincicial Respiratório é o principal causador desta patologia marcada por sazonalidade, manifestações inespecíficas e imunidade não permanente. Ademais, pelo fato desta população apresentar um conjunto de fatores de risco que corroboram para o agravamento desta doença, como imunossenescência, doenças cardiopulmonares e outras comorbidades, existe uma dificuldade em combater o VSR, aumentando o risco de hospitalização e mortalidade pela infecção. Considerando as transformações demográficas apresentadas pelo alargamento do topo da pirâmide etária no Brasil, o risco de uma epidemia pelo VSR é uma realidade e o aumento dos casos de morbimortalidade da bronquiolite aguda apresenta-se como reflexo, logo é válido analisar os dados epidemiológicos da doença na população idosa brasileira. Determinar e comparar o número de óbitos por bronquiolite aguda na população idosa brasileira nos últimos 5 anos. Estudo ecológico de caráter descritivo com análise retrospectiva de dados referentes ao número de óbitos por bronquiolite aguda (CID J21) na população idosa brasileira nos últimos 5 anos, disponíveis no Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS) e IBGE, inseridos no DATASUS, com tabulação de cálculos realizada através do Excel 2016. Para os cálculos da razão de mortalidade proporcional envolvendo as 5 grandes regiões, e também envolvendo as faixas etárias 65 anos mais, considerou-se constante proporcional (100%). A mortalidade proporcional de bronquiolite aguda na população idosa brasileira teve um pico no ano de 2020(0,031) na região norte do país, seguido de queda brusca em 2021(0,011) e crescimento progressivo lento de 2022(0,016) a 2023(0,018). Em geral, a mortalidade proporcional aumentou em todas as regiões do Brasil de 2021 a 2023, menos a centro-oeste, a qual diminuiu e apresentou o menor valor dos últimos 5 anos em 2023(0,015). A região com maior mortalidade proporcional para bronquiolite aguda no Brasil em 2023 foi a região sul(0,025), enquanto que em 2019 foi o nordeste(0,016) e em 2020 a 2022 o norte do país. Porém, de 2019(0,002) a 2021(0,004), a região sul apresentou a menor mortalidade proporcional, com aumento rápido e progressivo de 2022(0,010) a 2023(0,025). Com relação à mortalidade proporcional por idade, observamos que a faixa etária com maior mortalidade de 2019(0,012) a 2022(0,011) foi de 70 a 74 anos, sendo a faixa etária de 80 anos ou mais de maior mortalidade proporcional no ano de 2023(0,015). Com base

na análise dos resultados, conclui-se que o aumento geral na mortalidade proporcional por bronquiolite nos últimos 5 anos condiz com as transformações demográficas do Brasil. Além disso, deve-se destacar o aumento progressivo e rápido dessa taxa na região sul do país de 2022 a 2023, que de 2019 a 2021 era a região com menor mortalidade. UNOESTE

AVALIAÇÃO DA MORBIMORTALIDADE DA COLELITÍASE E COLECISTITE NO BRASIL ENTRE 2013 E 2023.

CARLA MUNHOZ MARIS
GABRIELA FÁVARO DA SILVA
BRUNO HENRIQUE COUTO OLIVEIRA
CAMILA FERNANDES DE OLIVEIRA
FELIPE PUGA BARBOSA
ANNA CAROLINA FERRETTI WISENFAD
FRANCISCO MÔNICO MOREIRA
ELIANE RISSATTO RODRIGUES ZAUPA DOMINGUES

a colelitíase é caracterizada pela formação de cálculos nas vias biliares, decorrente de níveis elevados de colesterol ou bilirrubina na bile. Essa condição afeta entre 10% e 20% da população adulta em âmbito global, constituindo-se como uma das afecções mais prevalentes do trato digestivo. Sua incidência varia em função de fatores como idade, sexo, etnia, hábitos alimentares, localização geográfica, condições socioeconômicas, bem como a presença de comorbidades e outras condições clínicas concomitantes. Entre as complicações mais frequentes da colelitíase está a colecistite, que está presente majoritariamente entre pacientes de idade avançada, com morbidade de 24-31% e mortalidade de 4-13%, ademais, ocorre de forma aguda ou crônica, com mais de 90% dos casos relacionados à presença de cálculos biliares, que ficam em estase por disfunção mecânica ou funcional do esvaziamento da vesícula biliar. Analisar a prevalência e a mortalidade associadas à colelitíase e à colecistite no Brasil, no período compreendido entre 2013 e 2023. Trata-se de um estudo ecológico, fundamentado na análise de dados extraídos do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH-SUS) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), abrangendo os casos de colelitíase e colecistite no Brasil entre 2013 e 2023. Foram avaliadas a prevalência geral, por sexo, e entre indivíduos com 80 anos ou mais, além da mortalidade geral, estratificada por sexo e nessa mesma faixa etária. A análise da prevalência geral indica que o sexo feminino é o mais afetado, com uma taxa de 245,67 internações por 100 mil habitantes, superando o índice masculino, que é de 185,4 por 100 mil. Além disso, observou-se uma queda importante nas internações para ambos os sexos de 2019 para 2020, passando de 138,42 para 89,55. Concomitantemente, a taxa de mortalidade geral variou ao longo dos anos, reduzindo-se de 0,67 em 2013 para 0,47 em 2022, com um pico em 2020 de 0,79. Em relação ao sexo, a mortalidade masculina manteve-se mais alta que a feminina em todos os anos. Observou-se elevada incidência de colelitíase e colecistite no Brasil, que varia de 4% a 73% de acordo com a região. Além disso, nos Estados Unidos, as mulheres são

predominantemente afetadas, representando 71% das 20 milhões de pessoas com doenças da vesícula biliar. Embora a mortalidade por colelitíase seja baixa, com cerca de 3% em casos agudos, ela aumenta entre a população idosa, visto que 20% dos adultos acima dos 40 anos e 30% dos idosos acima dos 70 anos apresentam colelitíase. Portanto, o estudo destaca a urgência de um manejo adequado para prevenir complicações e mitigar os altos custos associados ao sistema de saúde. UNOESTE.

AVALIAÇÃO DO POSSÍVEL EFEITO BENÉFICO DE NANOEMULSÃO DE CURCUMINA AO DANO BUCAL ASSOCIADO DOENÇA INFLAMATÓRIA INTESTINAL INDUZIDA EM CAMUNDONGOS

FELIPE PUGA BARBOSA
LIZZIANE KRETLI WINKELSTROTTER ELLER
GISELE ALBORGHETTI NAI

A doença inflamatória intestinal (DII) é uma condição crônica, marcada por inflamação recorrente e períodos de remissão que afetam o trato gastrointestinal, com causas complexas e múltiplos fatores envolvidos. Na DII, os mecanismos imunológicos que regulam a resposta intestinal tornam-se desbalanceados, resultando em uma inflamação contínua. As manifestações orais da DII podem surgir por diferentes causas. Os compostos bioativos presentes nos alimentos demonstram amplos benefícios à saúde, devido às suas propriedades anti-inflamatórias e antioxidantes. Avaliar os efeitos da aplicação de nanoemulsão contendo curcumina no dano bucal associado a DII induzida por indometacina em camundongos. Estudo aprovado pela Comissão de Ética no Uso Animal da Instituição proponente (Protocolo 7923). Para a realização dos experimentos, foram utilizados 54 camundongos machos de linhagem *Mus musculus* (C57BL/6), com idade entre 6 e 8 semanas e peso variando de 18 e 22, distribuídos em 6 grupos. Para indução da DII, os animais receberam por via oral indometacina (10mg/kg). Os tratamentos utilizados por 14 dias foram: solução de curcumina (100mg/kg), nanoemulsão de curcumina (100mg/kg), solução de piperina (10mg/kg) e nanoemulsão de curcumina (100mg/kg) + solução de piperina (10mg/kg). O grupo controle recebeu por via oral 0,5% de carboximetilcelulose (veículo). Após a eutanásia, foi colhido um fragmento da mucosa jugal e a língua para a análise histopatológica, avaliando os seguintes parâmetros: congestão; hiperqueratose; paraqueratose; e presença e intensidade da inflamação; número de mastócitos e espessura do epitélio. Para análise estatística, foi utilizado o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis seguido pelo teste de Dunn. O valor de $p < 0,05$ foi considerado estatisticamente significativo. Os animais expostos à piperina mostraram uma maior incidência de congestão na língua ($p < 0,05$). A inflamação na língua e na mucosa jugal foi provocada pela indometacina, mas foi controlada pelos tratamentos, com destaque para a solução de piperina ($p < 0,05$). Na língua, as maiores concentrações de mastócitos foram observadas nos animais dos grupos indometacina e indometacina+curcumina ($p < 0,05$). Na mucosa jugal, as maiores concentrações de mastócitos ocorreram nos grupos indometacina+curcumina e indometacina+nanoemulsão de curcumina ($p < 0,05$). Houve um aumento da espessura do dorso da língua nos animais dos grupos tratados ($p < 0,05$). Na mucosa jugal, foi observado um aumento na espessura do epitélio nos grupos que receberam curcumina e

piperina, enquanto no grupo tratado com nanoemulsão de curcumina houve uma redução em comparação ao controle ($p < 0,05$). A administração de curcumina através de nanoemulsões é mais eficaz na redução do dano bucal relacionado à doença inflamatória intestinal induzida em camundongos. Unoeste/CNPq Protocolo CEUA: 7923

AVALIAÇÃO EPIDEMIOLÓGICA DA NEOPLASIA MALIGNA DE ESTÔMAGO NO BRASIL NO PERÍODO DE 2013 A 2023 - UM ESTUDO ECOLÓGICO

DIULIA CISCON MARTINS
RAFAELA DA CUNHA PIROLLA
TANIA APARECIDA ALVES VILELA
LEANDRA ERNST KERCHE

O câncer de estômago é a quarta causa de morte por câncer no Brasil. Diante disso, torna-se necessário analisar a prevalência de internações e a taxa de mortalidade entre os sexos e entre as faixas etárias a fim de explicitar qual é a população mais acometida e facilitar decisões na saúde pública. Analisar a prevalência de internações e a taxa de mortalidade por câncer de estômago no Brasil entre os anos de 2013 e 2023 e fazer uma comparação entre os sexos e as faixas etárias. Trata-se de um estudo ecológico sobre as internações e mortes por neoplasia maligna de estômago no Brasil a partir de dados do Sistema de informações hospitalares (SIH/SUS), de onde foram retirados os dados sobre o número de internações por neoplasia de estômago, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de onde foram retirados os dados sobre a população residente no Brasil e do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), de onde foram retirados os dados sobre o número de óbitos por neoplasia de estômago notificados entre janeiro de 2013 e dezembro de 2023 utilizando a variável sexo e faixa etária. As taxas foram calculadas a partir dos indicadores de morbidade (prevalência x100.000) e mortalidade (taxa de mortalidade geral x1000). A prevalência de internações por câncer de estômago aumentou entre os anos de 2013 e 2019, nos quais a prevalência foi 11,08 e 15,65, respectivamente. De 2019 para 2020 houve uma queda de 15,65 para 14,07 e, chegou a 14,79 em 2023. Essa condição apresentou-se cerca de 2 vezes mais prevalente em homens em todos os anos do período estudado. A faixa etária de 60 anos ou mais obteve uma prevalência maior em relação às demais em todos os anos do período analisado, sendo que, em 2023 a prevalência na faixa de 0-19 anos foi de 0,16; na faixa de 20-59 anos foi de 10,29 e 60 anos ou mais foi de 64,34. Em relação a mortalidade, na variável sexo, tanto masculino quanto feminino, houve um pequeno aumento de 2013 a 2019, no sexo masculino de 0,093 para 0,094 e no sexo feminino de 0,049 para 0,051 e em ambos os sexos, a mortalidade apresentou uma queda de 2019 a 2020, finalizando 2022 com 0,087(masculino) e 0,047(feminino). Na faixa etária de 60 anos ou mais houve diminuição da taxa em todos os anos do período analisado, passando de 0,537 em 2013 para 0,391 em 2022; já a faixa de 20-59 anos finalizou 2022 com 0,032. A faixa de 0-19 anos obteve valores muito próximos de zero. As internações por neoplasia maligna de estômago no período de 2013 a 2023 foram mais prevalentes em indivíduos do sexo

masculino e na faixa etária de 60 anos ou mais. Foi possível observar o mesmo padrão na análise da taxa de mortalidade. Unoeste

COMPARAÇÃO DOS TRATAMENTOS PARA SÍNDROME DE BUDD-CHIARI EM PACIENTES PEDIÁTRICOS: REVISÃO DE UMA SÉRIE DE CASOS

CLARA MEIRA DOLFINI
NINA VIEIRA DE CARVALHO
MANUELA ZAMBELLI SOUZA ARNAL BONINI
VICTORIA ROEFERO MARREY SANCHEZ
MARIA LUIZA RIGOLIN MOYSÉS
MARIA INÊS MEIRA DOLFINI
ALINE SANCHEZ FERRARI

A síndrome de Budd-Chiari (SBC) é um distúrbio vascular no qual a trombose venosa impede o fluxo venoso do fígado. A obstrução ocorre principalmente ao nível das veias hepáticas e da veia cava inferior. A tríade clássica da SBC inclui hepatomegalia, ascite e dor abdominal. A SBC pediátrica é relativamente rara, no entanto, o diagnóstico precoce e a intervenção clínica são cruciais para evitar complicações fatais da insuficiência hepática e hipertensão portal. Para o tratamento, as opções variam desde as mais simples, como anticoagulação e angioplastia com balão e stent, até shunt portossistêmico intra-hepático transjugular (TIPS) e transplante de fígado, o qual é aplicado apenas perante falha ou impossibilidade das demais intervenções. Comparar os tratamentos de maior relevância para a Síndrome de Budd-Chiari na população pediátrica, de 0 a 15 anos, entre os anos de 2010 a 2024. Trata-se de uma revisão integrativa envolvendo a busca e análise de dados sobre tratamentos da Síndrome de Budd-Chiari em crianças de 0 a 15 anos, com base em relatos de caso e revisões coletadas no PubMed entre 2010 a 2024, utilizando os termos "Budd-Chiari" e "Case Report". A busca resultou em 220 estudos, dos quais foram excluídos todos em que os pacientes possuíam acima de 15 anos. Assim, 41 artigos foram selecionados. Após análise, observou-se que o transplante de fígado foi o prevalente no tratamento da Síndrome de Budd-Chiari pediátrico. Entre os selecionados, 16 precisaram e realizaram o transplante, sendo que para 1 deles foi associado o uso de anticoagulantes e 1 faleceu devido à impossibilidade de realizá-lo. Em todos os casos analisados, houve sucesso da cirurgia, com resolução da doença e sem necessidade de reintervenções. Apesar de ser, das alternativas de tratamento, a mais invasiva, existe o benefício da eficácia. Além disso, foi possível verificar que a angioplastia foi muito utilizada como recurso terapêutico, abrangendo 9 dos 41 casos estudados, destacando sua alta eficiência. Em outras 12 crianças, foi realizado o shunt portossistêmico intra-hepático transjugular (TIPS). Porém, apenas 3 delas obtiveram sucesso, logo, não se mostrou uma boa alternativa. Por fim, 4 pacientes apresentaram melhora clínica com a anticoagulação. A

análise também permitiu observar que, o tratamento da SBC geralmente inicia-se com intervenções mais simples com anticoagulantes orais e injetáveis, evolui para procedimentos minimamente invasivos, como a angioplastia com balão e stent, e conforme as tentativas são falhas, aumenta-se a complexidade dos tratamentos propostos, com o TIPS e transplante de fígado. A SBC, apesar de ser uma doença rara na população pediátrica, está frequentemente associada a condições mais graves, demandando tratamentos invasivos e complicados, como o transplante de fígado e a angioplastia, que permitiram maior taxa de resolução da doença. Em contrapartida, o TIPS e o tratamento anticoagulante não apresentaram a mesma eficácia. Unoeste

DESAFIOS NO CONTROLE DA RAIVA: UMA ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA E SOCIAL NA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL

DANIELA SOUZA MACHADO
GABRIEL BRAGAROLI POMINI
MARIANA SILVESTRINI TIEZZI ZAMUNER BARRIOS
LEANDRA ERNST KERCHE

A raiva é uma antropozoonose com letalidade próxima a 100%, representando um grave problema de saúde pública no Brasil, especialmente no Nordeste, que concentra quase dois terços dos casos nacionais. A gravidade da situação na região reforça a necessidade de análises detalhadas para compreender o perfil epidemiológico e guiar ações de controle e prevenção. As conclusões orientam ações para reduzir casos e custos de saúde. Relatar e analisar o número de casos de raiva na região Nordeste do Brasil entre 2013 e 2023, com ênfase em características epidemiológicas e a população afetada. Análise de dados oficiais do DATASUS A Região Nordeste apresenta 2/3 (66,6%) dos casos confirmados de raiva humana do Brasil. A doença prevalece sobre as pessoas do sexo masculino, principalmente entre a faixa etária de 30 a 39 anos (56%), residentes de áreas rurais (56%). Desde 2021 as internações hospitalares por raiva humana vêm apresentando uma queda contínua, após atingir seu maior número em 2021. A diminuição também pode estar relacionada à subnotificação dos casos de raiva, uma vez que a doença é frequentemente negligenciada. A falta por procura de atendimento nos casos de raiva ou, o registro adequado do CID, também pode gerar interferências nos dados coletados. Embora historicamente a região Nordeste tenha sido pioneira nos registros de casos de raiva, não há estudos recentes focados nessa área, e a partir de 2017, observa-se uma ausência de pesquisas sobre a raiva na região. Após análise dos dados epidemiológicos e uma avaliação comparativa da incidência, mortalidade e demografia associadas à raiva, o estudo revela que embora seja considerada uma doença negligenciada, não apresenta alto índice de mortalidade na região do nordeste, onde é a mais prevalente no Brasil. Um aspecto notável foi a descoberta de que a raiva afeta majoritariamente o sexo masculino. A prevalência maior entre homens pode ser atribuída a uma variedade de fatores, incluindo diferenças em comportamentos de risco, ocupações e padrões de exposição a animais hospedeiros da doença. Assim, este estudo permite concluir que homens entre 30 e 39 anos, residentes em áreas rurais da região Nordeste, estão mais suscetíveis a contrair a Raiva devido a uma série de fatores. Com as informações delimitadas e expostas neste trabalho, os agentes de saúde da região endêmica poderão desenvolver e implementar ações educativas sobre a doença, orientando a população sobre formas de proteção e prevenção, de modo a reduzir a disseminação da Raiva e proteger a comunidade em

geral. Ademais, caso as ações educativas sejam implementadas e obtenham êxito, espera-se uma redução nos casos de Raiva na região, o que, além de resultar em menores índices de hospitalização devido à doença, poderá também diminuir os custos com o tratamento no sistema de saúde. Unoeste

EFICÁCIA DA TERAPIA POR EXERCÍCIOS NA DOR E FADIGA ONCOLÓGICAS E CAPACIDADE FUNCIONAL, EM MULHERES PÓS- MASTECTOMIA PRIMÁRIA: REVISÃO SISTEMÁTICA

MAÍRA MOLINARI FRONZA
AMANDA DA SILVA GRIGOLETTO
ANA BEATRIZ ZUNIGA SILVEIRA
VICTOR HUGO COSTA DE OLIVEIRA
TATIANY RIBEIRO DE OLIVEIRA
FERNANDA APARECIDA VERNER
GUSTAVO TAKAO MORENO NAKATA
ANA CLARA CAMPAGNOLO GONÇALVES TOLEDO

Mulheres com mastectomia por Câncer de Mama podem apresentar prejuízos na qualidade de vida pela presença de sintomas como dor, fadiga, diminuição da amplitude de movimento, linfedema e, conseqüentemente, redução da capacidade funcional. A prática habitual de exercício físico para mulheres em tratamento oncológico mostra-se necessária, mas ainda é imprecisa a modalidade mais eficaz na redução dos sintomas. Reunir informações a partir dos ECRs (ensaio clínico randomizado) sobre dor, fadiga oncológica e capacidade funcional em mulheres pós-mastectomia primária e vigência de tratamento clínico oncológico. Essa revisão sistemática foi registrada pela PROSPERO e conduzida pelas diretrizes da PRISMA. Os estudos foram eleitos em maio de 2024, a partir de: Medline via Ovid, EMBASE, Web of Science, Cochrane Library, Scopus. Foram selecionados ECRs quanto a intervenção de exercícios aeróbicos, resistidos ou combinados, envolvendo mulheres pós cirurgia primária de CM, sobre dor e fadiga oncológicas e capacidade funcional. Estes foram excluídos quando incluíram pacientes com outras patologias ou investigaram associação de outras intervenções como práticas integrativas complementares ou recursos eletro fototerápicos ao exercício físico; inclusão de pacientes masculinos; estudos in vitro ou in vivo em animais; estudos sem grupo comparativo. O processo foi realizado por dois autores independentes, e divergências foram resolvidas por um terceiro revisor experiente. Todos foram avaliados quanto à qualidade metodológica usando a Escala PEDro. Entre os 1150 artigos selecionados, dois ECRs preencheram todos os critérios de inclusão. Estes incluem mulheres com CM estágios I a III, pós mastectomia primária entre 18 e 63 anos. Observa-se grande heterogeneidade quanto as intervenções, incluindo: caminhadas sem controle de intensidade, dança, yoga, etc. Para o grupo controle foram distribuídos folhetos e instruções sobre exercícios físicos, e este foi orientado a manter sua prática de atividade física habitual. Os acréscimos na capacidade funcional foram positivos e verificados pelo teste de caminhada de 6 minutos, antes e após para os

grupos de intervenção, o estudo que investigou o exercício aeróbico obteve em torno de $1,96\% \pm 1,61\%$ metros, mas o outro estudo de treinamento resistido foi $10\% \pm 7\%$ metros. Para os desfechos de fadiga e dor oncológicas, só um estudo avaliou o questionário EORTC QOL C30, e afirma melhora da qualidade de vida, mas não discrimina o impacto sobre cada domínio pela intervenção proposta, pois não foi discriminado no estudo. Não é possível apresentar resultados em relação a dor e fadiga oncológicas pela limitação de estudos e questionários nos artigos em relação a capacidade funcional, a prática do exercício físico para a paciente pós-mastectomia primária, independente da modalidade e intensidade, de maneira gradual e contínua, promove melhoras na capacidade funcional. Não há

EFICÁCIA E SEGURANÇA DO ANTAGONISTA ORAL DO HORMÔNIO LIBERADOR DE GONADOTROFINA, RELUGOLIX, NA ENDOMETRIOSE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA E META-ANÁLISE

MILENE VITORIA SAMPAIO SOBRAL
JOÃO PEDRO PEREIRA DOS SANTOS
TANIA APARECIDA ALVES VILELA
RAFAELA DA CUNHA PIROLLA
GABRIELA DE LIRA SILVA
DANIELI PEREIRA DA SILVA
CARINA ASSAKAWA
DIULIA CISCON MARTINS
REGIANE SOARES SANTANA
MARINA AYABE GOMES DE MORAES

Embora os estudos relacionados ao manejo da endometriose tenham avançado nas últimas décadas, as terapias atualmente disponíveis ainda não são eficazes para o controle adequado dos sintomas. No entanto, novas opções de tratamento com antagonistas do hormônio liberador de gonadotrofinas (GnRH), como o relugolix, oferecem uma alternativa promissora para um controle mais eficaz da dor e, conseqüentemente, uma melhoria na qualidade de vida dessas pacientes. Investigar, por meio de uma revisão sistemática da literatura com meta-análise, a eficácia e segurança do relugolix em comparação ao placebo em pacientes com diagnóstico de endometriose. Esta revisão sistemática e meta-análise foi realizada de acordo com as diretrizes da Cochrane Collaboration e da Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analysis (PRISMA). A busca foi realizada de forma sistemática, em agosto de 2024, nas bases de dados PubMed, Embase e Cochrane, por ensaios clínicos randomizados (ECR) envolvendo pacientes adultas (maiores de 18 anos) com diagnóstico de endometriose. As análises estatísticas foram realizadas utilizando o software R Studio 4.3.2. A diferença média padronizada (SMD) e o risco relativo (RR) com intervalos de confiança (IC) de 95% foram calculados e agrupados entre os ensaios. Os desfechos de interesse incluíram dor pélvica, dismenorreia, dispareunia, eventos adversos graves, cefaleia e ondas de calor. A busca nas bases de dados resultou em 175 artigos, dos quais 3 ECRs foram incluídos com base nos critérios de elegibilidade. A análise estatística revelou uma redução significativa na intensidade da dor pélvica (SMD -0,42; IC 95% -0,57 a -0,27), dismenorreia (SMD -1,35; IC 95% -1,78 a -0,93) e dispareunia (SMD -0,19; IC 95% -0,32 a -0,06) associada ao uso de relugolix. Além disso, a incidência de eventos adversos graves (RR 1,16; IC 95% 0,59 a 2,28), cefaleia (RR 1,21; IC 95% 0,99 a 1,49) e ondas de calor (RR 0,64; IC 95% 0,03 a 11,84) foi

estatisticamente semelhante entre os grupos. Em resumo, nossos resultados revelam que o relugolix contribuiu para a redução da dor pélvica, dismenorria e disporeunia. Além disso, não houve diferença significativa entre os grupos quanto à incidência de eventos adversos. Esses achados indicam o potencial deste medicamento no tratamento adjuvante da endometriose. No entanto, são necessários mais ECRs de alta qualidade metodológica para corroborar esses resultados. Não há.

ESCALANDO O PERIGO: AUMENTO DE ACIDENTES COM ESCORPIÕES NO BRASIL E NO ESTADO DE SÃO PAULO - UM ESTUDO ECOLÓGICO COM ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA

KARINA PRADO DE JESUS
CAMILA MORAIS FARIAS
CAROLINA MENDONÇA THEISEN
LARISSA MARIOTO BARBOSA
MARIANA CAROLINA VASTAG RIBEIRO DE OLIVEIRA

Nos últimos anos, no Brasil, houve uma elevação significativa nos registros de acidentes por escorpiões, situação desafiadora para a saúde pública. Particularmente, no estado de São Paulo, esse cenário é alarmante tanto em áreas urbanas quanto rurais. Os acidentes por escorpião são graves, sobretudo em crianças e idosos, urgindo por atenção imediata. Alterações ambientais, condições climáticas e a urbanização desordenada contribuem para o crescimento desses incidentes. Este estudo ecológico visa elucidar os fatores que impactam na incidência e ofertar subsídios para políticas preventivas. Investigar o aumento dos acidentes por escorpiões no Brasil, especialmente em São Paulo, analisando tendências epidemiológicas e fatores ambientais e climáticos. O estudo busca identificar padrões regionais e sazonais que expliquem o crescimento dos casos, visando auxiliar na formulação de estratégias de controle e prevenção. Trata-se de um estudo ecológico retrospectivo que utilizou dados do SINAN e dos boletins epidemiológicos do Ministério da Saúde, entre 2010 e 2023. Foram analisados o total de casos, a taxa de incidência por 100 mil habitantes e a distribuição por faixa etária e sexo. Variáveis ambientais, como precipitação e temperatura, também foram coletadas para explorar possíveis associações com a incidência dos acidentes. As análises focaram em tendências temporais e fatores de risco, no entanto, sendo um estudo ecológico, foram levantadas apenas hipóteses sobre associações, sem correlações diretas. No período de 2010 a 2023, houve cerca de 1,5 milhão de registros de acidentes por escorpiões no Brasil, sendo 250 mil no estado de São Paulo. A taxa de incidência nacional aumentou de 28,5 para 52,4 casos por 100 mil habitantes, o que representa uma expansão de 84%. Sob o cenário do estado de São Paulo, o crescimento foi mais expressivo, com valor transitando de 20,8 para 60,2 casos por 100 mil habitantes, indicando um aumento de 189%. Regiões noroeste e sudoeste do estado apresentaram maior incidência, o que permite correlacionar com áreas de práticas agrícolas e condições ambientais favoráveis. Além disso, os dados apontaram maior concentração dos casos nos meses mais quentes (outubro a março), totalizando 70% dos registros. A análise apresentou que 60% dos eventos ocorreram nos indivíduos entre 20 e 49 anos, com uma proporção levemente superior em homens (55%). Os resultados mostram um

aumento significativo nos acidentes por escorpiões nos últimos 13 anos no Brasil, especialmente em São Paulo. Embora o estudo não permita correlações causais, os dados sugerem que fatores ambientais e sazonais influenciam a incidência dos casos. É necessária uma resposta urgente com intervenções preventivas nas regiões mais afetadas e nos períodos críticos. Ações educativas, manejo ambiental adequado e intensificação da vigilância epidemiológica são essenciais para reduzir a morbidade e mortalidade e mitigar os impactos na saúde pública.

GRAU DE DEPENDÊNCIA DE ATIVIDADES DE VIDA DIÁRIA, QUALIDADE DE VIDA E ALTERAÇÃO DE HUMOR EM PACIENTES RENAIS CRÔNICOS

BARBARA VIANA FRITZEN CARVALHO
JULIA PINHEIRO ALMEIDA
MARIA LUIZA MOTA DE VASCONCELOS
MARIANA CAROLINA VASTAG RIBEIRO DE OLIVEIRA

A doença renal crônica (DRC) é um grave problema de saúde pública no Brasil. Caracterizada pela perda progressiva das funções renais, a DRC afeta o metabolismo e a qualidade de vida dos pacientes. Pacientes em hemodiálise enfrentam desafios que impactam suas atividades diárias e seu humor, tornando a saúde mental essencial para o bem-estar geral. Reconhecer a fragilidade desses pacientes é fundamental para melhorar sua qualidade de vida. Avaliar a dependência nas atividades diárias, a qualidade de vida e as alterações de humor em pacientes com DRC em diferentes estágios, atendidos por uma ONG em Presidente Prudente-SP. Após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 76404523.8.0000.5515), os pacientes foram convidados a participarem do estudo. Aplicou-se um questionário socioeconômico, o Índice de Katz para avaliar a independência nas atividades diárias, e o Questionário Genérico de Qualidade de Vida SF-36 para medir a qualidade de vida. Os dados foram tabulados no Excel e analisados com o software RStudio. As pontuações das escalas permitiram classificar o grau de dependência e as dimensões de qualidade de vida, sendo os resultados apresentados em gráficos e tabelas com medidas de tendência central, dispersão e quartis. Foram analisados dados de 20 participantes, sendo 60% do sexo masculino, em sua maioria de raça autodeclarada branca (65%) e casados/união estável (55%). O tempo médio de doença foi de $6,8 \pm 9,4$ anos, o menor tempo foi de 2 anos e o maior de 30 anos. Estava no estágio 3 de DRC 1 (14,3%), no estágio 4, 5 (71,4%) e no estágio 5, 1 (14,3%), sendo que este último fazia hemodiálise. A pontuação média no teste de Katz foi de $5,5 \pm 1,6$ pontos, com valor mínimo igual a 0 e máximo igual a 6. A classificação de dependência, segundo a pontuação de Katz, classificou como com dependência leve 1 (5,0%) indivíduo, com dependência moderada também 1 (5,0%) e com dependência severa também 1 (5,0%). Foram considerados totalmente independentes na realização de tarefas 17 (85,0%). Quanto à qualidade de vida, mensurada pelo SF-36, a dimensão que apresentou maior média foi a de aspectos sociais ($71,3 \pm 36,7$), seguida pela de limitação por aspectos emocionais ($70 \pm 44,5$), saúde mental ($67,2 \pm 26,5$), dor ($61,7 \pm 28,5$), capacidade funcional ($61,5 \pm 31,3$), vitalidade ($61,5 \pm 32,6$), estado geral de saúde ($55,9 \pm 16,7$) e limitação por aspectos físicos ($48,8 \pm 47,6$). A maior variabilidade foi na dimensão de limitação por aspectos

físicos, também foi a que apresentou as menores pontuações, com 25% dos participantes tendo pontuado 0 (p25=0). Já a menor variabilidade foi na dimensão estado geral de saúde, com 50% das pontuações centrais entre 49 e 68,3. 85,7% dos participantes estavam nos estágios 3 e 4 de DRC, sendo que apenas um fazia hemodiálise. A maioria foi considerado independente na realização de tarefas (85%). O aspecto da qualidade de vida com melhores resultados foi o de aspectos sociais, e o pior o de limitação por aspectos físicos. Protocolo CAAE: 76404523.8.0000.5515

INCIDÊNCIA DE MENINGITE INFANTIL NO MUNICÍPIO DE JAÚ

JULIA VITORIA REIS
ANNA CARLOTA MOTT BARRIENTOS BRANDI
CLEBER RICARDO CAVALHEIRO
GABRIEL DOS SANTOS SOARES
LAYS SILVA LOPES

Meningite é uma inflamação envolvendo as meninges cerebrais e o líquido cefalorraquidiano, causada por diversos fatores, infecciosos ou não infecciosos. Manifestações clínicas variam de acordo com a idade e duração da doença, sendo mais frequente: febre alta, vômito, cefaleia intensa, rigidez da nuca. Exame do liquor é fundamental para diagnóstico. É possível conter e controlar a meningite por meio da prevenção e imunização, tornando a vacinação uma medida preventiva essencial. A vigilância epidemiológica tem um papel fundamental no monitoramento da doença, permitindo diagnosticar o comportamento, planejamento e intervenção. caracterizar a incidência de meningite no município de Jaú/SP. Estudo aprovado pelo Programa Especial de Iniciação Científica (PEIC), sobre o registro CPDI 8489/2023. Estudo observacional analítico do tipo ecológico de séries temporais, dados epidemiológicos foram coletados por meio do Sistema Nacional de Notificação de Doenças e Agravos (SINAM), no período de 2011 a 2022. Resultados apresentados pela distribuição de frequência absoluta e relativa. No período de 2011 a 2022 foram notificados 77 casos, faixa etária de maior incidência foi em menor de 1 ano de idade (34%), resultados semelhantes descritos pela Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, incidência de 56% de meningite viral em crianças de 0 a 9 anos (Secretária da Saúde de São Paulo, 2006). A relação raça/cor foi superior em brancos 74%, estudo de Oliveira e Magnani (2011) confirmam o predomínio, representando 43,05% dos casos. Os agentes etiológicos mais prevalentes foram: viral (34%), não especificada (30%) e bacteriana (22%). Estudo de Dazzi, Zatti e Baldissera (2014), corroboram com os resultados, confirmando a predominância de meningite viral (42%). Maior prevalência dos casos do sexo masculino (70%), resultados semelhantes apresentados por Oliveira e Magnani (2011), incidência de 63% de meningite em crianças do sexo masculino. O método diagnóstico mais prevalente no estudo foi o quimiocitológica (82%), estudo de Santos et al. (2023) confirmam também 67,96% o diagnóstico pelo método. A mortalidade foi 6% e 96% com boa evolução, estudo de Oliveira e Magnani (2011), apontam que 94,4% das crianças acometidas por meningite viral evoluíram com alta hospitalar. O estudo demonstrou que há uma elevada incidência dos casos de meningite na população pediátrica no município de Jaú. A curva epidemiológica da meningite ao longo dos anos, demonstrou um efeito positivo na população do estudo, sendo fundamental o

desenvolvimento de futuros estudos para acompanhamento do efeito da vacinação na população. Não houver.

INVESTIGAÇÃO ACERCA DA PREVALÊNCIA DA SÍFILIS CONGÊNITA
E DE SUAS CONSEQUÊNCIAS FINANCEIRAS NAS REGIÕES DO
BRASIL ENTRE 2012 E 2023.

FRANCISCO MÔNICO MOREIRA
NATALIA DA SILVA LIMA
CAMILLY EMANUELLE COLARES BARRETO
GIOVANNA DE ALMEIDA
ISABELA FERNANDES DE OLIVEIRA
JOAO PEDRO PRETTI FELIX DA SILVA
NINA VIEIRA DE CARVALHO
CAROLINE JOANA DE OLIVEIRA VALANDRO
KÁRILLY SILVA DOURADO
MONICA RAFAELA DA GAMA MOREIRA

A Sífilis Congênita (SC) é uma doença de transmissão vertical causada pela bactéria *Treponema pallidum*, a qual está associada a diversas complicações ao longo da gravidez e podendo causar repercussões após o nascimento. Seu tratamento é feito pela penicilina e o diagnóstico ocorre por diversos meios, sendo tentado precocemente na gravidez. A má infraestrutura da atenção primária em saúde, associada aos cuidados pré-natais insuficientes e ao tratamento materno inadequado podem aumentar as taxas de internações e os custos ao sistema. Investigar a prevalência, as internações e o custo do sistema de saúde por SC nas diferentes regiões do Brasil no período entre 2012 e 2023. Estudo ecológico fundamentado na coleta de dados provenientes do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH-SUS) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O número de internações, segmentados por região e por raça/cor, bem como os custos anuais associados à SC nas diversas regiões do país e a sua prevalência foram avaliados no período entre 2012 e 2023. A análise da prevalência demonstrou maior número de casos para cada 1 milhão de habitantes nas regiões Sul e Nordeste, respectivamente. Ao longo do período analisado o Sul se manteve como a região de maior prevalência em quase sua totalidade, com exceção dos 3 primeiros anos avaliados e de 2021. Em outro viés, quando avaliado a taxa de internações por região, foi visto que o Sudeste prevaleceu no cenário, seguido pelo Nordeste. Fato esse que se explica pela grande concentração populacional presente na primeira região, em contraste com a segunda. Quando avaliada as internações por raça/cor, observou-se predomínio da raça parda, a qual prevaleceu de forma discrepante em relação as demais. Sequencialmente, encontramos a raça branca e preta, e com menor proporção a amarela e indígena. Quanto aos gastos, o Sudeste e o Nordeste

predominaram em relação as demais regiões, sendo seguidos pela região Sul, Norte e Centro-Oeste, respectivamente. Foi observado que a SC é mais prevalente no Sul do país, mas com altas taxas de internação ainda no Sudeste e Nordeste, fator que torna a patologia onerosa ao sistema. Pesquisas demonstraram que os aspectos socioeconômicos estão intrinsicamente relacionados ao contágio e transmissão da SC e que a deficiência do sistema público de saúde não apenas aumenta os casos, como também gera uma resposta negativa ao setor financeiro do próprio país. Com isso, torna-se necessário o entendimento acerca da relevância dessa patologia no âmbito público e como as formas de combate são necessárias para evitar novos casos, suas possíveis complicações e gastos ao sistema.

INVESTIGAÇÃO DOS MECANISMOS FISIOPATOLÓGICOS DA DOENÇA DE PARKINSON: REVISÃO INTEGRATIVA

DANIELE PELEGRINI CORAL
CAMILLE ANGÉLICA PEREIRA DA SILVA
MANUELA DE JESUS SILVA
MARIA FERNANDA MEDEIROS CARA
MARIA ALICE ARRUDA DE CARVALHO SOUZA
LARISSA BARBOZA SANTOS
DYENIFER FERNANDES DE OLIVEIRA MOURA
MARIA TEREZA ARTERO PRADO DANTAS
NATÁLIA ZAMBERLAN FERREIRA
MARCELO GERVASONI NETO
ALINE DUARTE FERREIRA

A Doença de Parkinson (DP) é uma condição neurodegenerativa que ocorre devido a uma alteração no Sistema Nervoso Central (SNC). Estima-se que afete entre 7 e 10 milhões de pessoas em todo o mundo, sendo mais prevalente em idosos e pessoas de meia-idade. A DP se manifesta através de sintomas motores, que incluem rigidez, bradicinesia, tremor em repouso, instabilidade postural, congelamento da marcha e sintomas não motores, que incluem perda do olfato, constipação, distúrbios do sono REM, transtornos de humor e hipotensão ortostática. Além disso, disfunções vesicais, salivação excessiva, alterações da pele, dificuldades para falar e engolir, e problemas cognitivos, como ansiedade, demência e depressão, podem surgir com o avanço da doença. Essas manifestações afetam profundamente a capacidade funcional dos indivíduos, interferindo na sua independência e limitando sua participação em atividades rotineiras e sociais, o que compromete significativamente a qualidade de vida dos pacientes com Doença de Parkinson. Por tudo isso, é viável a investigação desse mecanismo fisiopatológico, de modo a esclarecer a comunidade médica e acadêmica com informações relevantes que possam guiar uma identificação e um diagnóstico mais assertivo. Investigar os mecanismos fisiopatológicos da instalação e progressão da Doença de Parkinson por meio de revisão integrativa. Trata-se de uma revisão integrativa de estudos selecionados da base de dados PubMed entre os anos de 2019 e 2024 a partir dos descritores em saúde "Parkinson's Disease", "Pathophysiology", "Dopaminergic Neuron" e da pergunta norteadora "A degeneração dos neurônios dopaminérgicos afeta as vias diretas e indiretas do controle motor na Doença de Parkinson?". Foram resgatados 81 estudos, dos quais 9 foram selecionados. Os estudos incluídos são revisões que explicam a fisiopatologia da Doença de Parkinson." A análise dos estudos selecionados foi realizada de forma descritiva, de modo a reunir o

conhecimento produzido sobre o tema explorado na revisão. Os estudos comprovam que na DP, a degeneração dos neurônios dopaminérgicos compromete a função da via direta em que o receptor D1 ativa uma sequência de inibição que facilita a ação do tálamo, que excita o córtex motor através da liberação de glutamato, promovendo a execução dos movimentos. Como consequência dessa inibição, há diminuição da capacidade das vias dopaminérgicas de excitar o córtex motor. Simultaneamente, a via indireta torna-se hiperativa, causando a inibição do tálamo, que reduz a ativação do córtex motor, dificultando a execução dos movimentos. Os estudos concordam que a combinação dessas alterações inibe ainda mais o controle motor e resulta nos sintomas motores clássicos da doença, como rigidez, bradicinesia e tremor em repouso. As evidências fornecem suporte para a compreensão do mecanismo fisiopatológico da Doença de Parkinson ao estruturarem uma relação robusta entre a neurodegeneração dopaminérgica e os sintomas clássicos da doença. Unoeste

INVESTIGAÇÃO EPIDEMIOLÓGICA DO PERFIL DOS CASOS DE HIV NO BRASIL COM ENFOCO NA REGIÃO SUDESTE DE 2017 A 2022

ANGÉLICA AUGUSTA GRIGOLI DOMINATO
SUELEN UMBELINO DA SILVA
DIOGO SCHELLES CHOCAIR
MARIANA KASAI MURAD

A história epidemiológica do vírus da imunodeficiência humana (HIV) originou nos países como Estados Unidos da América (EUA), Haiti e África Central. Rapidamente atingiu a população mundial, por meio da exposição ao vírus HIV presente nos fluídos corpóreos, como o sangue, transformando-se na principal infecção sexualmente transmissível (IST), então, problema de saúde pública mundial. Com a ausência do tratamento ocorre a evolução da infecção, culminando com a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) com desfechos de alta morbimortalidade. Realizar uma investigação epidemiológica do perfil dos casos de HIV no Brasil com enfoque na Região Sudeste, entre os anos de 2017 à 2022. Estudo ecológico de dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) e dos bancos dos Sistema de Controle de Exames Laboratoriais de CD4+/CD8+ e Carga Viral do HIV (SISCEL); Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) e; Sistema de Informações de Mortalidade (SIM), entre os anos de 2017 à 2022. Os resultados encontrados demonstraram que foram diagnosticados, por região da federação, um número de 27.117 no Norte, 52.066 no Nordeste, 82.097 no Sudeste, 39.829 no Sul e 17.312 no Centro-Oeste. Na região Sudeste os diagnósticos foram determinados por estado, sendo 14.027 (Minas Gerais-MG), 4.084 (Espírito Santo-ES), 23.812 (Rio de Janeiro-RJ) e 40.174 (São Paulo-SP). As mulheres diagnosticadas na região Sudeste representam 27,2%, sendo 25,8% em MG, 30,2% no ES, 32,8% no RJ e 24,0% em SP. Segundo as faixas etárias, os maiores índices de diagnóstico, nos estados da região Sudeste foram 22,6% entre 40 a 49 anos em MG e nos demais estados na faixa etária entre 25 a 29 anos, com 91,9% no ES, 27,8% no RJ e 92,9% em SP. O nível de escolaridade com mais diagnóstico estava no ensino médio completo, sendo 27,0% em MG, 32,3% no ES, 27,4% no RJ e 36,0% em SP. Em relação à exposição ao vírus observou-se que a forma sexual representa a maioria, sendo em MG 37,4%, ES com 37,0%, RJ mostrou menor número relativo (21,8%) e SP com a maioria (60,5%). Em segundo lugar, em relação à exposição, está o uso de drogas injetáveis (UDI) com variações entre 0,15 % (SP) e 1,5% (MG). A contaminação vertical oscilou entre 0,63% nos estados de MG e ES e 1,38% em SP. O estudo evidencia variações significativas ao longo de um período de seis anos, com um ápice de casos em 2017, seguido por uma diminuição até 2020 e um aumento progressivo até 2022. Observa-se uma

predominância do sexo masculino e jovens na faixa etária dos 25 aos 29 anos. As infecções estiveram presentes em maior número para o nível de escolaridade ensino médio completo e a maneira mais comum de contaminação viral é a sexual. A diminuição dos casos, antes da pandemia (COVID-19) sugere a eficácia das políticas públicas implementadas, desta forma é importante ressaltar que investir em políticas públicas para a prevenção é o melhor caminho.

MALFORMAÇÕES CONGÊNITAS E TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA: UM ESTUDO DE COORTE RETROSPECTIVO

GABRIELA BARROS GENEROSO
YARA FELIPPE BUENO CROSCIOLI
SUELEN UMBELINO DA SILVA
LEANDRA ERNST KERCHE

Os transtornos do espectro autista (TEA) são um transtorno neurobiológico complexo composto por comprometimento cognitivo, falta de habilidades sociais, comportamento estereotipado, sono perturbado, duração reduzida do sono, depressão, ansiedade e associação a uma maior taxa de anomalias congênitas. Investigar a associação de malformações congênitas em pacientes com TEA e associar as malformações com a idade do diagnóstico, complicações nos períodos perinatal e neonatal e diagnóstico CID-10. Avaliação retrospectiva de pacientes com diagnóstico de TEA divididos em dois grupos - aqueles com malformações congênitas e aqueles sem malformações congênitas. Ambos os grupos foram avaliados pela idade do diagnóstico, tipo de transtorno, complicações nos períodos perinatal e neonatal, e morte. Dos 238 indivíduos investigados, nenhum deles foi declarado morto, a média de idade no diagnóstico foi de $7,4 \pm 4,7$, a maioria deles (71,8%) foi diagnosticada sob CID-10 F84.0 (autismo infantil), malformações congênitas foram encontradas em 16,8% dos pacientes. Cinco pacientes (2,1%) foram diagnosticados com infecções congênitas e mais da metade (51,3%) dos indivíduos tiveram complicações perinatais e neonatais. Malformações congênitas em pacientes com TEA são um fator de risco para complicações perinatais e neonatais (OR 2,98, IC95% 1,41-6,29). TEA e malformações congênitas estão intimamente associadas, e malformações congênitas estão estatisticamente associadas a um maior número de complicações nos períodos perinatal e neonatal nas crianças diagnosticadas com TEA. A maioria das crianças foi diagnosticada sob CID-10 F84.0. UNOESTE Protocolo CAAE: 68572723.0.0000.5515

MORTALIDADE NO BRASIL POR CISTITE DE 2019 A 2022: UM ESTUDO ECOLÓGICO

LÍGIA OLIVEIRA SILVA
GIULIA QUISINI VIVAN
GABRIEL FERREIRA MENESES DE LIMA
LETICIA POLO POLATO
NATA FRANZINI LEONARDO
SUELEN UMBELINO DA SILVA

A cistite é uma infecção do trato urinário comum, responsável por elevada morbimortalidade. Fatores como anatomia feminina, histórico de infecções, atividade sexual, gravidez e condições socioeconômicas elevam o risco entre mulheres. Nos homens, a anatomia oferece proteção, contudo, obstruções das vias urinárias, como hiperplasia prostática e cálculos, aumentam o risco. A idade também é um fator, ligado ao estreitamento uretral, incontinência urinária e comorbidades. Os principais sintomas são disúria, poliúria e dor suprapúbica. Assim, a cistite é prevalente e desafia a saúde pública. Estudos ecológicos têm limitações, como a subnotificação de casos, mas são importantes para entender a mortalidade e orientar estratégias de prevenção. Com epidemiologia pouco discutida, a compreensão da dinâmica da mortalidade no Brasil se torna útil para avaliar hipóteses de associação com condições socioeconômicas variadas, bem como subsidiar estratégias para o manejo clínico da doença. Analisar a mortalidade por cistite nas regiões do Brasil, entre os sexos e faixas etárias, de 2019 a 2022. Estudo ecológico descritivo, com coleta de dados realizada no DATASUS, sob o CID-10:N30, por região, sexos e faixa etária, além de dados populacionais. Foram calculadas as taxas de mortalidade a cada 1.000.000 (um milhão) devido ao baixo número de óbitos, e proporções em relação ao total do período e sexos, no Excel. O Brasil teve um total de 1970 óbitos e 46.573.766 internações por cistite durante o período. A região com as maiores taxas foi o Sul, seguido por Nordeste, Sudeste, Centro-Oeste e Norte. A maior taxa do período foi de 3,77 para o Sul (2019), e a menor foi de 0,37 para o Norte (2022). As maiores quedas das taxas aconteceram de 2021-2022 no Norte (-59%) e de 2019-2020 no Nordeste (-40%). Os maiores aumentos ocorreram de 2020-2021 no Sudeste (34%) e de 2021-2022 no Nordeste (20%). 60% dos óbitos do período foram de mulheres, cujas taxas variaram entre 2,5 e 3,1, enquanto entre os homens, de 1,6 a 2,3. Quanto à idade, houve aumento exponencial nas taxas a partir dos 30 anos, sendo que abaixo dessa faixa, as taxas foram menores do que 0,7; e acima, foram de 1,8 de 40 a 49 anos, 3,5 de 50 a 59 anos, 12,8 de 60 a 69 anos, 44,1 de 70 a 79 anos e de 229,7 acima de 80 anos. A última faixa representou 56% de todos os óbitos do período. Entre os homens, 81% dos óbitos ocorreram acima dos 50 anos, e entre as mulheres, 84% nessa

mesma faixa. Por outro lado, as internações prevaleceram na faixa dos 30 aos 79 anos, tanto entre os homens (63%) quanto entre as mulheres (53%). A mortalidade por cistite no Brasil de 2019 a 2022 teve maiores taxas no Sul e menores no Norte. As mulheres representaram 60% dos óbitos. Apesar das internações terem se concentrado a partir dos 30 anos, a mortalidade se aumentou acima dos 50 anos, e se acentuou acima de 60, tanto entre homens como entre mulheres. Universidade do Oeste Paulista

MORTALIDADE POR INSUFICIÊNCIA RENAL NO BRASIL DE 2019 A 2022: UM ESTUDO ECOLÓGICO

LÍGIA OLIVEIRA SILVA
CAMILLE GUELFY ALVES
CATARINA DE LIMA CORRAL
ISABELLA SILVA FREITAS
LORENA BEGUETTO BRESSANIN
ARTUR KENZO VERI TODA
ISADORA DE OLIVEIRA FERREIRA
MARIA EDUARDA BARROS VEDOVATI
SUELEN UMBELINO DA SILVA

A insuficiência renal, também conhecida como doença renal crônica (DRC), é uma condição médica caracterizada pela perda progressiva da função dos rins comprometendo a eliminação de resíduos e toxinas, bem como a produção de hormônios e a regulação dos níveis de líquidos e eletrólitos no corpo. Pode ser causada por diversos fatores como diabetes, hipertensão arterial, lesões nos rins, infecções recorrentes, obstrução do trato urinário e uso prolongado de certos medicamentos. À medida que a função renal diminui, os sintomas podem evoluir gradualmente ou de forma aguda, de acordo com a gravidade e com a causa subjacente. A epidemiologia da insuficiência renal aponta a influência do sexo no desfecho da doença, já que, mulheres tendem a desenvolver casos mais avançados, enquanto os homens são mais propensos a complicações renais precoces caracterizadas por um declínio rápido da função renal. Nessa perspectiva, esse estudo se justifica em fornecer uma visão geral da mortalidade por DRC no Brasil de 2019 a 2022, e sua distribuição entre os sexos, faixas etárias e regiões. Analisar a mortalidade por insuficiência renal nas regiões do Brasil, entre os sexos e faixas etárias, de 2019 a 2022. Estudo ecológico descritivo, com coleta de dados do DATASUS, sob os CID-10:N17, N18, por região, sexo e faixa etária, além de dados populacionais. Foram calculadas as taxas de mortalidade a cada 100.000, e proporções em relação ao total do período, no Excel. O Brasil teve um total de 57721 óbitos por DRC no período. A região com as maiores taxas foi o Sul, seguido por Sudeste, Centro-Oeste, Nordeste e Norte. A maior taxa do período foi de 8,1 para o Sudeste em 2021, e a menor foi de 5,6 para o Nordeste em 2020. A maior queda das taxas aconteceu de 2019-2020 no Sudeste (-7%) e o maior aumento ocorreu de 2020-2021 no Sudeste (26%). Os homens representaram a maior parte dos óbitos (57%), cujas taxas variaram entre 7,1 e 8,4, enquanto entre as mulheres, de 5,2 a 6,2. Quanto à idade, 90% dos óbitos do período foram de pessoas com mais de 50 anos. Enquanto abaixo dessa idade, as taxas não ultrapassaram 3,0, acima, foram de 6,6 de 50 a 59 anos, 16,2 de 60 a 69 anos, 37,7

de 70 a 79 anos e de 112,3acima de 80 anos. A mortalidade por DRC no Brasil de 2019 a 2022 teve maiores taxas no Sul e Sudeste e menores no Norte e Nordeste. Os homens representaram 57% dos óbitos, e aqueles com mais de 50 anos, 90%. Universidade do Oeste Paulista

O EXCESSO DE EXAMES COMPLEMENTARES PARA DIAGNÓSTICO DE APENDICITE AGUDA NÃO COMPLICADA EM ADULTOS

MARIA ISABEL NAVARRO DE SOUZA
CAROLINA PEVERARI TREVISAN
MARIA EDUARDA FERREIRA FERRARO
MARIA EDUARDA PEREIRA RODRIGUES
HELEN BRAMBILA JORGE PAREJA

Apesar de a apendicite aguda ser a emergência cirúrgica abdominal mais comum em todo o mundo, seu diagnóstico permanece desafiador. O uso racional de exames complementares tem um impacto econômico significativo, especialmente em países em desenvolvimento como o Brasil. Esta revisão sistemática teve como objetivo sintetizar evidências sobre o excesso de exames complementares na avaliação pré-operatória de adultos com apendicite aguda não complicada. Esta revisão foi elaborada a partir das recomendações da Preferred Items for Systematic Reviews and Meta-Analysis Statement (PRISMA). Critérios de inclusão: delineamento qualitativo primário; idioma inglês ou português; publicação entre 2014 e 2024; população incluída composta por adultos; abordagem da avaliação pré-operatória de adultos com apendicite aguda não complicada. As buscas foram feitas nas bases de dados PubMed, LILACS e Cochrane Library. Dos 262 estudos identificados, nove foram incluídos. Foi evidenciado que o escore Appendicitis Inflammatory Response é uma ferramenta segura e eficaz para a investigação diagnóstica na apendicite aguda, com sensibilidade, especificidade e acurácia semelhantes às descritas para a tomografia computadorizada. O leucograma e os níveis de proteína C reativa não demonstraram valor diagnóstico satisfatório, por isso não devem ser utilizados de maneira isolada. A ultrassonografia é o exame de imagem mais solicitado para pacientes com suspeita de apendicite aguda, mas sua sensibilidade e especificidade foram significativamente inferiores às do escore Appendicitis Inflammatory Response. A elevada acurácia diagnóstica da tomografia computadorizada não foi suficiente para tornar as taxas de apendicetomias negativas muito diferentes das observadas em grupos que receberam diagnóstico exclusivamente clínico. Portanto, a avaliação pré-operatória de adultos com apendicite aguda não complicada pode ser feita com segurança através de escores clínicos, tornando os exames complementares dispensáveis na maioria dos pacientes. A avaliação pré-operatória de adultos com suspeita de apendicite aguda não complicada pode ser feita com segurança através de escores clínicos, principalmente o Appendicitis Inflammatory Response que demonstrou alta sensibilidade, especificidade e acurácia diagnóstica. Exames laboratoriais, como leucograma e dosagem de proteína C reativa, não possuem valor diagnóstico e não devem ser realizados de maneira isolada. A ultrassonografia

deve ser reservada para investigação de diagnósticos alternativos após a hipótese de apendicite aguda ser descartada. O papel da tomografia computadorizada pré-operatória mostrou-se questionável, considerando que o valor preditivo positivo e as taxas de apendicectomias negativas se equiparam às apresentadas pelo escore AIR. Essas evidências devem ser valorizadas durante a elaboração de diretrizes clínicas futuras para um manejo mais assertivo, seguro e de melhor custo-benefício nos indivíduos com apendicite aguda não complicada.

PANORAMA E DESAFIOS DA MENINGITE NO BRASIL DE 2010 A 2023: ESTUDO ECOLÓGICO

ISABELLA CAROLINE DE OLIVEIRA BARRETTO
JOAO GABRIEL KATSUMI UTIMURA ZORZATTO
ANA LAURA AYUMI ZANONI CHIBA
GABRIELA CRISTINA LOURENÇO
ANA CLARA CAMPAGNOLO GONÇALVES TOLEDO
LEANDRA ERNST KERCHE
DANIELA TEREZA ASCENCIO RUSSI
GUILHERME HENRIQUE DALAQUA GRANDE

A meningite é uma inflamação aguda das meninges que pode causar danos neurológicos permanentes e morte, provocada por agentes infecciosos (vírus, bactérias, fungos e parasitas) ou não infecciosos (medicamentos, doenças autoimunes e câncer). Embora as meningites virais sejam mais comuns, as bacterianas são mais graves e podem evoluir rapidamente para quadros fatais. Apesar das campanhas de vacinação terem reduzido a incidência da doença, ela permanece prevalente globalmente, especialmente em áreas com infraestrutura de saúde precária, sendo registrado surtos recentes no Brasil desde 2022. Contudo, há lacunas significativas na literatura científica sobre as dinâmicas regionais e demográficas de todos os tipos de meningite no Brasil, que dificultam a compreensão dos fatores que contribuem para o recente aumento dos casos de meningite no país, essenciais para desenvolver estratégias eficazes de prevenção e controle. A relevância clínica deste estudo consiste na análise epidemiológica de todos os tipos de meningite no Brasil entre 2010 e 2023, oferecendo uma visão ampla da distribuição da doença, com impacto direto no fortalecimento das estratégias de controle e tratamento. Analisar a epidemiologia da meningite no Brasil no período de 2010 a 2023, com foco em variações regionais, faixa etária e sexo. Este estudo foi realizado de acordo com os critérios do checklist STROBE para relato de estudos observacionais em epidemiologia. Utilizou dados epidemiológicos de meningite (CID 10 - G00) no Brasil entre 2010 e 2023, coletados do IBGE e do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS) integrado ao DATASUS. Os dados foram segmentados por região geográfica (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul), faixa etária (0-4 anos, 5-19 anos, 20-39 anos, 40-59 anos, 60-79 anos e 80+ anos) e sexo (masculino e feminino). As informações foram analisadas para identificar padrões e variações temporais, oferecendo uma visão detalhada da distribuição da meningite no Brasil. Entre 2010 e 2018, a prevalência de meningite no Brasil caiu, com um pico em 2019 (3,98 internações por 100.000 habitantes) e um novo declínio até 2021 (2 internações por 100.000 habitantes). No entanto, desde 2022, há um aumento gradual nos casos. A

região Sul é a mais afetada, com uma média de 4,97 casos por 100.000 habitantes, valor que corresponde a mais do que o dobro da prevalência observada na região Norte (2,38 casos por 100.000 habitantes). A prevalência é maior no sexo masculino e a faixa etária mais afetada é de 0 a 4 anos, com 14,63 casos por 100.000, seguida pela faixa de 5 a 9 anos, com 6,02 casos por 100.000 habitantes entre 2010 e 2023. Verifica-se maior prevalência na região Sul, entre indivíduos do sexo masculino e na faixa etária de 0 a 4 anos. Observa-se desde 2022 um aumento gradual no número de casos de meningite no país. Assim, o monitoramento epidemiológico contínuo é essencial para prevenir prevalências subnotificadas e interromper a transmissão da doença. UNOESTE

PERFIL CLÍNICO E EPIDEMIOLÓGICO DE PACIENTES COM ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL ISQUÊMICO ATENDIDOS EM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO NO PERÍODO DA PANDEMIA

ISABELA SILVA FERREIRA
JOAO LUCAS ALJONAS
ANA CLARA REMELLI MARTINS
MARIA TERESA FERNANDES CASTILHO GARCIA

O acidente vascular cerebral isquêmico (AVCi) consiste em um déficit neurológico focal de início agudo e a principal causa de incapacidade e morte por oclusão arterial cerebral. O objetivo do tratamento é recanalizar o mais rápido possível o vaso ocluído para preservar o máximo de tecido cerebral viável. A pandemia da covid-19 gerou efeitos trágicos ao sistema de saúde, e criou-se um alerta dado pela redução do número de pacientes com AVCi, 11,5% durante os 4 primeiros meses de pandemia, nos hospitais. Dentre as justificativas tem-se o medo do paciente de contrair o SARS-CoV2, o distanciamento social, serviços médicos de emergência sobrecarregados, e o declínio na incidência de AVCi devido a mudanças ambientais ou comportamentais. Objetivamos reunir informações epidemiológicas de prevalência, retiradas de bases de dados a respeito de perfis clínicos de pacientes com AVCi em Hospital Terciário, em 2020 e comparar ao período pré-pandêmico (2018/19). Após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, CAAE número 65928422.1.0000.5515, foi realizada a revisão dos prontuários de pacientes com Classificação Internacional de Doenças (CID) I64. Foi feito o rastreamento e a averiguação das fichas e registros catalogados a partir do sistema de prontuário eletrônico do Hospital Regional, incluindo pacientes com AVCi atendidos durante o período da pandemia. Os dados coletados incluíram sexo, idade, tempo de início dos sintomas até a chegada ao hospital, porcentagem de pacientes submetidos a trombólise e tratamento clínico, escala NIHSS (National Institute of Health Stroke Scale) para avaliação dos déficits neurológicos, comparando com dados de período pré-pandêmico encontrados em estudos analíticos de outros hospitais terciários. A análise dos dados foi realizada por meio do programa Excel e Bioestat, a partir da extração e das análises estatísticas obtidas. Foram analisados os dados de 150 pacientes, com idade média de $66,3 \pm 13,4$ anos, com prevalência do sexo masculino (57,3%). A média do início dos sintomas foi de 21,59 horas. A trombólise ocorreu em 3,27% dos casos e o tratamento clínico em 96,72% dos participantes. A média do escore NIHSS foi de $6,88 \pm 4,70$ pontos (déficits moderados). O estudo demonstrou um tempo de chegada ao hospital de 2159, horas, um tempo alto quando comparado aos 214 minutos que levaram os pacientes para serem admitidos em um hospital público nos anos de 2018 e 2019. Houve uma redução nas

taxas de trombólise realizadas (3,27%) comparando-se a taxa encontrada no Hospital Estadual Central de 15%, uma queda de 12,4%. O número de pacientes atendidos com Acidente Vascular Cerebral no período da pandemia foi reduzido (744 em 2020) em relação ao ano anterior pré-pandemia (868) no Hospital Regional. Outros estudos na área da neurologia demonstraram o impacto da pandemia nos desfechos de doenças como o AVCi e suas complicações, bem como a mudança no cenário dos atendimentos de emergências médicas, como as doenças cerebrovasculares. . Protocolo CAAE: 65928422.1.0000.5515

PERFIL DA MORBIMORTALIDADE DA NEOPLASIA MALIGNA DA PELE NA REGIÃO SUDESTE

ANA BEATRIZ GRIGOLETTO ROSSETO
ANA CLARA SOUZA VON AH
LAURA LAMBER TREVISAN
CRYSTIAN BITENCOURT SOARES DE OLIVEIRA

A neoplasia maligna da pele é encontrado em mais de 50% dos humanos (SCIELO - 2016). Do total dos 704 mil novos casos de câncer a cada ano no País durante o triênio 2023-2025, 70% dos casos estão previstos para as regiões Sul e Sudeste (SBD). A análise da morbimortalidade pela doença pode contribuir para aprimorar a eficácia e efetividade dos programas de prevenção e tratamento existentes, buscando reduzir a morbidade e mortalidade na região. Desenvolver um estudo epidemiológico a fim de investigar a morbimortalidade da neoplasia maligna da pele no Brasil, durante o período de 2018 a 2022, na população da região Sudeste do Brasil Estudo ecológico com base em dados extraídos do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a fim de analisar a prevalência e mortalidade da neoplasia maligna da pele. CID 44. No período entre 2018 a 2022, com o uso das variáveis: variação do número de óbitos pela causa no período de 2018-2021 e Prevalência das internações por sexo no período de 2018-2021. A partir dos dados coletados, observa-se que no ano de 2018 e 2021 houve um aumento da taxa de prevalência por neoplasia maligna da pele na região Sudeste do Brasil, atingindo seu pico em 2021, com valor de 1,30 para cada 100 mil pessoas. Em 2021 houve um aumento para 1,30; em 2020 houve a redução para 1,14, em 2019, houve um aumento para 1,18. Ao analisar o número de óbitos pela causa, nota-se que entre os anos de 2018 a 2021 no sexo masculino ocorreu queda do número de mortes; já no sexo feminino houve um aumento entre os anos de 2018 a 2021. A taxa de mortalidade específica pela causa apresentou maior resultado no ano de 2021, sendo 1.158 para cada 100 mil habitantes. Conclui-se que a neoplasia maligna da pele permanece sendo um problema de saúde pública, ressaltando a necessidade de acesso e adesão às medidas profiláticas, a fim de controlar o número de casos e agravos em decorrência da patologia. Ademais, é notório a associação entre a queda da prevalência e o aumento do número de óbitos no ano de 2021 em relação a neoplasia maligna da pele. UNOESTE

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA MENINGITE BACTERIANA NO ESTADO DE SÃO PAULO, UM ESTUDO ECOLÓGICO

KAREN TIEMI IAMAMOTO
JULIA ANDRESSA DE ALMEIDA
LETÍCIA DONAIRE DE OLIVEIRA
VITOR TORQUATO DOMINGUES
GRAZIELA GARRIDO MORI
LEANDRA ERNST KERCHE

A meningite, uma infecção do espaço subaracnóideo e das meninges, pode causar danos irreversíveis ao Sistema Nervoso Central e manifestações sistêmicas. A meningite bacteriana é relevante, apresentando rápida evolução, potencial epidêmico e significativas taxas de mortalidade. Diante disso, sua abordagem como emergência médica requer diagnóstico precoce e tratamento imediato para mitigar a mortalidade. A análise do perfil epidemiológico do estado de São Paulo é crucial para monitorar a saúde regional, promover ações e políticas públicas, e aumentar a taxa de vacinação na população brasileira. Estudar a ocorrência de casos de meningite bacteriana no estado de São Paulo, e descrever o seu perfil epidemiológico. Estudo ecológico, de base populacional, acerca do perfil epidemiológico da meningite bacteriana no estado de São Paulo entre os anos de 2017 a 2022. Dados clínicos, epidemiológicos e laboratoriais foram obtidos através das fichas de notificação de meningite bacteriana do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), considerando as variáveis sexo e faixa etária. As análises foram realizadas através do cálculo de prevalência perante projeções populacionais do IBGE. A prevalência das internações por meningite bacteriana no estado de São Paulo teve um aumento de 12,9% entre 2017 a 2019, seguido de uma queda de 43,2% de 2019 a 2021, período que coincide com a pandemia de COVID-19. No ano de 2022 houve um aumento de 49,3% desta prevalência. Nota-se uma predominância de internações de homens em relação às mulheres, tendo uma prevalência masculina maior do que a feminina em 37,1% em 2017; 34,5% em 2018; 49,4% em 2019; 26,7% em 2020; 39,2% em 2021; e de 53% em 2022. A prevalência de internações na faixa etária de 0 a 4 anos, aumentou 18,9% entre 2017 e 2018, seguido por uma redução de 44,2% de 2019 a 2021. Porém, em 2022, ocorreu um aumento de 48,6%. A análise geral da meningite em São Paulo destaca uma evolução dinâmica ao longo dos anos. O aumento nas internações até 2019, seguido por uma redução durante a pandemia de COVID-19. Contudo, o ressurgimento em 2022 após a flexibilização das restrições destaca a necessidade contínua de vigilância e intervenções rápidas. A prevalência masculina em 2022 e as flutuações na faixa etária, especialmente o aumento expressivo nas internações de crianças de 0 a 4 anos, indicam nuances na dinâmica da

doença. A sensibilidade da meningite às condições de saúde pública mostra a necessidade de políticas eficazes, monitoramento constante e ênfase na vacinação para mitigar o impacto da infecção. UNOESTE

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE TRANSPLANTES NO BRASIL: ESTUDO ECOLÓGICO

KAREN TIEMI IAMAMOTO
JULIA ANDRESSA DE ALMEIDA
LETÍCIA DONAIRE DE OLIVEIRA
VITOR TORQUATO DOMINGUES
GUILHERME HENRIQUE DALAQUA GRANDE
GRAZIELA GARRIDO MORI

O transplante caracteriza-se pela substituição de órgão ou tecido inviável por um saudável. O processo envolve a remoção do órgão ou tecido de um doador, seja vivo, seja falecido, para posterior implantação no receptor, devolvendo qualidade de vida e longevidade. A análise do perfil epidemiológico em nível nacional é fundamental para monitorar a saúde da população, promover ações e políticas públicas eficazes, e aumentar a eficiência e equidade nos processos de doação e transplante de órgãos no Brasil. Analisar a ocorrência de casos de transplantes no Brasil e descrever seu perfil epidemiológico. Estudo ecológico, de base populacional, acerca do perfil epidemiológico de transplantes no Brasil entre os anos de 2014 a 2023. As informações clínicas, epidemiológicas e laboratoriais foram coletadas a partir das fichas de notificação de transplantes registradas no Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), levando em consideração as diferentes regiões geográficas. As análises foram conduzidas com base no cálculo de prevalência, utilizando as projeções populacionais disponibilizadas pelo IBGE. Nos últimos 10 anos, um total de 132.030 transplantes foram realizados no país, com destaque para os de rins (36,61% do total), córnea (28,1% do total), células hematopoiéticas (16,78% do total) e fígado (13,18% do total). A prevalência de transplantes de rim no Brasil variou entre as regiões, sendo mais significativa na região sudeste (19,31%), seguida das regiões Sul (8,9%), Nordeste (6,25%), Centro-Oeste (1,51%) e Norte (0,54%). A mesma discrepância pode ser observada nos transplantes de córnea, com registros: região sudeste (13,2%), região Nordeste (6,62%), região Sul (4,9%), região Centro-Oeste (1,96%) e região Norte (1,41%). A relação de transplantes de fígado seguiu o mesmo padrão de variações regionais, tendo o sudeste com a maior prevalência (6,35%). Por fim, a distribuição de transplantes de células hematopoéticas da medula óssea também refletiu essas disparidades. Não foram registrados transplantes na região Norte, enquanto o Nordeste apresentou uma taxa de 2,75%; no Sudeste, a prevalência foi a maior entre as regiões, atingindo 9,84%, e as regiões Sul e Centro-Oeste registraram 3,53% e 0,64%, respectivamente. A análise geral da prevalência dos transplantes no Brasil destaca importantes variações regionais, refletindo a distribuição desigual de recursos de saúde

e a capacidade de atendimento. O Sudeste, com sua ampla rede de hospitais especializados, lidera em prevalência para todos os tipos de transplantes analisados, enquanto o Norte apresenta as menores taxas, muitas vezes sem registros significativos, como no caso dos transplantes de células hematopoiéticas. As disparidades entre as regiões ressaltam a necessidade de investimentos em infraestrutura e políticas públicas que promovam maior equidade no acesso a esses procedimentos. UNOESTE

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DO CÂNCER DE COLO DE ÚTERO NO PERÍODO DE 2013 A 2023 NO BRASIL

LUIZA LEITE DA ROSA
NATHALIA ZIMMER CAVALLI
DANILO GUSTAVO OKADA YABUNAKA
LEANDRA ERNST KERCHE

O câncer de colo uterino (CCU), também conhecido como câncer cervical, é uma condição maligna que afeta o colo do útero. Geralmente, é causado por uma infecção persistente do vírus do papiloma humano (HPV), cuja transmissão ocorre pelo contato direto de pele com pele, sendo um vírus altamente infectante. Sendo assim, o contato sexual íntimo, sem preservativos, mão-genital ou oral-genital, representa a via clássica de contaminação pelo HPV, o que o torna uma doença de infecção sexualmente transmissível. No Brasil, o CCU ocupa a terceira posição entre os tipos de cânceres mais incidente entre mulheres, excluídos os tumores de pele não melanoma. Portanto, o presente estudo se justifica pela importância da doença no contexto da saúde pública, especialmente no que se refere à saúde das mulheres. Realizar uma análise epidemiológica das tendências temporais da prevalência e da taxa de mortalidade do câncer de colo uterino entre os anos de 2013 a 2023, no Brasil. Trata-se de um estudo ecológico quantitativo de caráter descritivo e retrospectivo realizado a partir do levantamento dos registros nas bases de dados do Sistema de Informação Hospitalar do SUS (SIH/SUS) e do Sistema de Informação de Mortalidade - SIM e IBGE, com os dados apresentados e analisados em forma de gráficos. A prevalência de câncer do colo do útero flutuou, ao longo dos anos de 2013 a 2023, entre 1,56 até 1,91 casos para cada 10.000 mulheres. Em relação à faixa etária, a prevalência se mostrou crescente com o avanço da idade, sendo mais alta nas mulheres entre 40 a 49 anos. Já em relação à taxa de mortalidade, houve crescimento do número ao longo dos anos passando de 5,32 óbitos por 100.000 mulheres em 2013 para 6,36 óbitos por 100.000 mulheres no ano de 2022, ano do último levantamento. A observação dos dados sugere uma discreta tendência no aumento da prevalência, com exceção de quedas pontuais, acompanhada de nítido crescimento da taxa de mortalidade. Desse modo, é importante continuar implementando medidas preventivas e programas de rastreamento para tentar conter ou reverter essa tendência de aumento. UNOESTE

PESQUISA SOBRE A PREVALÊNCIA DAS INTERNAÇÕES E
MORTALIDADE EM RELAÇÃO AOS MIOMAS UTERINOS NO BRASIL,
ENTRE 2012 A 2023

NATALIA DA SILVA LIMA
FRANCISCO MÔNICO MOREIRA
ANA CLARA YOSHIMURA
ANDRESSA BOSISIO CARVALHO
JULIA ELIS BARALDO
MARIA LUIZA RIGOLIN MOYSÉS
VICTORIA ROEFERO MARREY SANCHEZ
CAROLINE GONÇALVES CASTELO BRANCO
RAFAELA MODAFARES SILVA DE OLIVEIRA
EDLAYNE LARISSA GRETTER MACHADO PEREIRA

Os Leiomiomas uterinos são tumores benignos da camada muscular lisa do útero, sendo considerados um dos principais problemas de saúde mundial que compromete a qualidade de vida de muitas mulheres. Apesar da prevalência do leiomioma, não há opção de tratamento de longo prazo, econômica e que deixe a fertilidade intacta. Muitas vezes há recomendação de uma abordagem avançada, iniciando com tratamento medicamentoso com invasão mínima até a cirurgia, para garantir um tratamento eficiente e ideal à paciente. A Federação Internacional de Ginecologia e Obstetrícia (FIGO) em 2011, descreveu uma classificação que, atualmente, é amplamente utilizada para descrever oito classes de miomas de acordo com sua localização e grau de extensão. Seguidamente, o grupo MUSA (Morphological Uterus Sonographic Assessment) aprovou esse sistema de classificação e adotou para a descrição da localização dos nódulos. Observar a prevalência das internações em relação à cor/raça e da mortalidade aos miomas uterinos no Brasil durante o período de 2012 a 2023. Estudo ecológico a partir da coleta de dados do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH-SUS) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Avaliou-se as taxas de prevalência geral, por idade e por raça e a mortalidade geral, por faixa etária no Brasil. Observou a prevalência geral de internações por miomas uterinos, por faixa etária e ano de atendimento, no período de 2012-2023. As faixas etárias de 40 a 49 e 50 a 59 anos apresentam os maiores aumentos, enquanto as faixas mais jovens (10 a 14 e 15 a 19 anos) permanecem com prevalências baixas ao longo do período. A faixa etária com maior número de internações para todas as raças foi de 40 a 49 anos, destacando-se as mulheres pardas e brancas. A faixa etária com maior número de óbitos no período foi a de 40 a 49 anos, com um total de 170 óbitos ao longo dos anos. As faixas etárias de 50 a 59 anos e 30 a 39 anos também tiveram

números significativos. É importante analisar as faixas etárias, visto que as mulheres entre 40 e 49 anos de idade destacam-se como o grupo com maior prevalência de internações, tanto em termos absolutos quanto comparativos com outras idades. A prevalência muito baixa em faixas etárias mais jovens, como de 10 a 19 anos, indica que o mioma é predominantemente uma doença de meia-idade, como observado nos dados. A análise radical revela disparidades importantes, uma vez que as mulheres pardas apresentando o maior número de internações por miomas, seguidas pelas mulheres brancas e pretas. A redução da mortalidade nos últimos anos, apesar do aumento nas internações, pode ser atribuída a avanços nos métodos de tratamento e a conscientização sobre a doença, podendo estar associado a um manejo mais eficaz e menos letal dos miomas uterinos.

PREVALÊNCIA DAS DOSES APLICADAS DA VACINA DA POLIOMIELITE INATIVADA NAS REGIÕES DO BRASIL DE 2018 À 2022: UM ESTUDO ECOLÓGICO

MAÍRA MOLINARI FRONZA
ANA CLARA CAMPAGNOLO GONÇALVES TOLEDO

A poliomielite é definida como infecção altamente transmissível via fecal-oral e oral-oral principalmente em crianças menores de 5 anos residentes de países com infraestrutura, saneamento e higiene precárias, sendo que o principal fator de risco é a baixa cobertura vacinal. Para erradicar a doença, a Organização Mundial da Saúde (OMS) desenvolveu iniciativas de vacinação em massa em 1988, as quais reduziram a circulação de wPV consideravelmente (1), mas conforme a ascensão do COVID-19 e a rápida criação das novas vacinas para combate da pandemia, houve hesitação dos pacientes para aderir à vacinas, fato considerado uma das dez principais ameaças à saúde global em 2019 pela OMS. O tema se tornou foco de discurso em mídias sociais, as quais muitas vezes são responsáveis pela disseminação de informações enganosas sobre saúde, culminando na diminuição da cobertura vacinal, que pode resultar na recidiva de patologias, como a poliomielite(3). Analisar a adesão à VIP (Vacina Inativada Poliomielite) no Brasil entre o período de 2018 a 2022. Este estudo foi realizado de acordo com os critérios do checklist STROBE, e foram utilizados dados obtidos através da base de dados do Sistema de informação Hospitalar do SUS (SIH/SUS) para a obtenção de resultados acerca da VIP por meio dos filtros "Assistência à Saúde", "Imunizações-desde 1994" e "doses aplicadas" , durante o período de 2018 a 2022, acerca da prevalência geral, e por diferentes regiões do Brasil. Então foram realizados cálculos e gráficos pela plataforma Excel, usando uma base de 100 de acordo com o ano e as regiões brasileiras. A prevalência das doses aplicadas da vacina da poliomielite inativada (VIP) nas áreas do território brasileiro tem reduzido desde 2018 até 2022, circunstância comprovada na região Norte, com variação de 4,60 à 4,26, região Nordeste, variando de 3,94 à 3,58, região Sudeste, indo de 3,58 à 2,75, região Sul, com variação de 3,66 à 3,16 e na região Centro-Oeste, diminuindo de 4,04 à 3,53. O estudo mostra redução preocupante na adesão à Vacina Inativada Poliomielite (VIP) no Brasil entre 2018 e 2022, com quedas significativas nas taxas de vacinação em todas as regiões do país. A hesitação quanto às vacinas, exacerbada pela pandemia de COVID-19 e pela disseminação de informações enganosas nas mídias sociais, contribui para tal, aumentando o risco de reemergência da poliomielite. Clinicamente, essa queda na cobertura vacinal eleva a vulnerabilidade das crianças menores de 5 anos, um grupo suscetível a complicações da doença. Portanto, é imperativo que as autoridades de saúde pública implementem estratégias de conscientização e campanhas de vacinação robustas

para restaurar a confiança na vacinação e garantir que a população infantil receba a proteção contra essa infecção evitável. A proteção das crianças é essencial para a erradicação definitiva da poliomielite, e a mobilização da sociedade civil e de profissionais de saúde é crucial para reverter essa tendência alarmante. Não há

PREVALÊNCIA DE PNEUMONIA EM IDOSOS NO ESTADO DE SÃO PAULO NO PERÍODO DE 2013 A 2023: UM ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO

LÍGIA OLIVEIRA SILVA
BRUNA GIROTTO DORNELAS
LUCAS SOUZA ANTUNES
MARIA EDUARDA DOS SANTOS RODENAS
ISABELA FERNANDES DE OLIVEIRA
TAINÁ BAHIA RICARDO
ANA CLARA CAMPAGNOLO GONÇALVES TOLEDO

A pneumonia é uma doença inflamatória do parênquima pulmonar, representando uma importante condição infecciosa na prática clínica. Trata-se de uma patologia considerada um problema de saúde pública devido à morbimortalidade que lhe caracteriza. A razão clínica para a escolha dessa temática se apoia na rápida progressão e apresentação da doença dentro da população idosa, sendo a presença de uma idade avançada considerada um fator de risco relacionado à gravidade dos casos da doença. Além disso, os idosos são uma população de alto risco para infecções por bactérias multirresistentes, e que possuem particularidades quanto ao uso de certos antibióticos para o tratamento da doença, o que resulta em casos que necessitam de uma maior atenção. Este trabalho se baseia no perfil epidemiológico da pneumonia em idosos no estado de São Paulo, buscando compreender o seu impacto e nuances quando relacionados a informações analisadas dentro da literatura. Analisar a prevalência da pneumonia em idosos no estado de São Paulo entre os anos de 2013 a 2023 através de um estudo ecológico descritivo. Esse estudo ecológico descritivo se fundamentou nos critérios apresentados no checklist STROBE e utilizou os dados do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), fornecidos pelo Ministério da Saúde. Foram coletadas informações sobre faixa etária e sexo, aplicando-se o Capítulo X do CID-10, com a população residente extraída do IBGE. As tabelas e gráficos foram elaborados no Excel, com base em 1.000 habitantes. Observa-se que no estado de São Paulo, entre os anos de 2013 a 2023, a prevalência de pneumonia em idosos manteve-se maior em indivíduos do sexo masculino, com uma média de 8,88 dentro do período analisado, enquanto no sexo feminino a média foi de 6,76. Ademais, entre os anos de 2013 a 2019, nota-se uma queda relativamente constante da prevalência da doença em ambos os sexos, saindo de 10,91 para 8,97, no sexo masculino, enquanto para o sexo feminino houve uma redução de 8,17 para 6,81. Já no período entre 2019 a 2021, foi observada uma queda mais acentuada dessa prevalência em idosos no geral, seguida de um aumento no ano consecutivo. Com relação às faixas etárias, nos anos de 2013 a

2023, foi observado nas idades de 60 a 69 anos, no sexo masculino, uma prevalência média de 4,39, ao passo que no sexo feminino houve uma média de 2,84. Para idosos de 70 a 79 anos a prevalência foi de 10,48 para o sexo masculino e 6,76 para o feminino. Já na população acima de 80 anos, a prevalência da doença foi de 26,49 para o sexo masculino e 19,60 para o feminino. Conclui-se que, no período de 2013 a 2023, a pneumonia no estado de São Paulo foi mais prevalente em idosos do sexo masculino. Em relação à idade, em ambos os sexos, a maior prevalência foi para a faixa etária acima de 80 anos. Isso ressalta a necessidade de maior atenção e assistência aos idosos, a fim de evitar a instalação da pneumonia e suas complicações. Universidade do Oeste Paulista

PREVALÊNCIA DO CÂNCER DO COLO UTERINO ENTRE AS REGIÕES DO BRASIL NO PERÍODO DE 2013 A 2023: UM ESTUDO ECOLÓGICO

LUCAS SOUZA ANTUNES
MARIA EDUARDA DOS SANTOS RODENAS
LÍGIA OLIVEIRA SILVA
ISABELA FERNANDES DE OLIVEIRA
BRUNA GIROTTO DORNELAS
TAINÁ BAHIA RICARDO
HEITOR NEGRÃO LUNHANI
HENRICO RODRIGUES TAVARES GODOY
ANA CLARA CAMPAGNOLO GONÇALVES TOLEDO

O câncer de colo de útero no Brasil, representa o terceiro tipo de câncer mais incidente na população feminina. Essa neoplasia é passível de cura quando detectada precocemente, porém a dificuldade de acesso aos serviços de saúde e às ferramentas de diagnóstico dificulta o tratamento e a detecção precoce. Essas barreiras de acesso ao diagnóstico precoce podem estar relacionadas a fatores socioculturais e socioeconômicos, o que fundamenta o fato de o câncer de colo uterino apresentar diferentes perfis de epidemiologia entre diferentes localidades. Dessa forma, análises epidemiológicas são úteis para compreender o perfil epidemiológico da doença, e colaborar com a compreensão das fraquezas e riscos apresentados pela população de determinado local, auxiliando na otimização da assistência à saúde para o câncer de colo uterino nessas regiões. Este estudo preenche importantes lacunas na literatura ao explorar as disparidades regionais na prevalência do câncer de colo uterino no Brasil entre 2013 e 2023, destacando a influência de fatores socioculturais e socioeconômicos no acesso ao diagnóstico precoce e ao tratamento. Analisar e comparar a prevalência geral, e por faixa etária do câncer de colo uterino entre as regiões do Brasil, por meio de um estudo ecológico, nos anos de 2013 a 2023. Estudo realizado segundo critérios do checklist STROBE para relato de estudos ecológicos descritivos, por meio da coleta de dados do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), disponibilizados pelo Ministério da Saúde. Foi realizada a comparação de prevalência geral da doença, e por faixa etária na população feminina entre as cinco regiões do Brasil, com cálculos baseados em 10.000 habitantes. Considerando as prevalências para cada 10 mil habitantes, entre 2013 e 2023, a prevalência do câncer de colo uterino no Brasil apresentou um aumento significativo em todas as regiões. Na Região Norte, a prevalência subiu de 1,43 para 2,09, destacando-se a faixa etária de 50 a 74 anos, que atingiu prevalência de 5,67 no ano de 2022. Na Região Sul, o aumento foi de 2,91 para

3,16, com a faixa de 25 a 49 anos alcançando a prevalência de 4,97 nos anos de 2022 e 2023. O Nordeste teve oscilação em sua prevalência de 2,29 para 2,16, com picos de 3,59 e 4,61 nas faixas de 25 a 49 anos e 50 a 74 anos, respectivamente. Na Região Sudeste, a prevalência variou de 1,93 para 2,21, com a faixa de 25 a 49 anos atingindo 3,24. Por fim, a Região Centro-Oeste aumentou sua prevalência de 2,03 para 2,54, com altos índices nas faixas etárias de 25 a 49 anos e 50 a 74 anos. Desta forma, há maior prevalência do câncer do colo uterino na região Sul e menor na região Norte, do território brasileiro, no período de 2013 a 2023, com predomínio da faixa etária de 50 a 74 anos em todas as regiões. Assim, faz-se necessário a implementação de medidas socioeducativas a fim de promover a conscientização e contribuir para a otimização do diagnóstico precoce e tratamento. Universidade do Oeste Paulista

REVISÃO INTEGRATIVA DAS TÉCNICAS CIRÚRGICAS PARA RETIRADA DE VESÍCULA BILIAR: COMPARAÇÃO DE ABORDAGENS LAPAROSCÓPICAS E CONVENCIONAIS

CAROLINA GARCIA VELLOSO

AMANDA AIZZA CACERES

CAMILLY EMANUELLE COLARES BARRETO

EMANUELA PALMA DE MORAES

ISABELA FERNANDES DE OLIVEIRA

TIAGO LYRIA DA SILVA PAZINATO

CARINA ASSAKAWA

ANANDA BRITO FREITAS

FERNANDA MELLO TAVARES

O tratamento cirúrgico de algumas patologias na vesícula biliar inclui a colecistectomia, que envolve a remoção da vesícula biliar afetada, a qual pode ser realizada por meio de abordagem laparoscópica (CL) ou cirurgia aberta (CA). O diagnóstico de condições que levam à colecistectomia geralmente se baseia em sintomas clínicos sendo confirmado por exames de imagem, como a ultrassonografia abdominal, por exemplo. Somado a isso, a CL, tem se destacado como a principal opção em comparação com a CA visto que, a CL é menos invasiva, oferece um tempo de recuperação menor, é menos dolorosa no pós-operatório, apresenta melhor estética além de melhora na função pulmonar pós-operatória em comparação com a CA. Ademais, a CL para esse tipo de cirurgia é uma das mais frequentes no Brasil de acordo com DATASUS. Por se tratar de uma cirurgia relativamente recorrente no Brasil, faz-se necessário uma análise para esclarecer os benefícios e as limitações de cada técnica em distintos contextos clínicos, contribuindo na tomada da decisão cirúrgica. Comparar abordagens laparoscópica e convencional na colecistectomia, a fim de identificar as vantagens, desvantagens e critérios clínicos que orientam a escolha entre os métodos. Esse estudo é uma revisão integrativa da literatura que compara as abordagens cirúrgicas na colecistectomia. O estudo foi realizado com base em artigos do Pubmed, Scielo e Cochrane. Foi feito um processo em 3 fases: triagem por títulos, análise dos resumos e leitura integral dos textos que atenderam aos critérios de inclusão, que são: estudos revisados por pares que comparassem diretamente as técnicas, focando em tempo cirúrgico, complicações pós-operatórias e recuperação. Excluiu-se estudos de caso e revisões sem comparações explícitas entre ambas as abordagens. A pergunta norteadora é: "Dentre a colecistectomia laparoscópica e aberta, qual abordagem é mais eficaz?". Dos 241 artigos analisados, 54 foram selecionados, os quais compararam colecistectomia laparoscópica e aberta. A laparoscopia foi recomendada, mesmo para idosos, crianças e pacientes com comorbidades, devido à

recuperação rápida e menores complicações, apesar do risco elevado nesses grupos. Esse estudo discorre sobre as abordagens laparoscópica (CL) e aberta (CA) para colecistectomia, a qual demonstra a superioridade da CL em vários aspectos clínicos. Estudos indicam que a CL resulta em menor tempo de recuperação, menos complicações pós-operatórias, uma melhor estética e uma resposta imunológica mais suave, favorecendo uma recuperação mais rápida e menos dolorosa. Em pacientes nos extremos de idade e/ou com comorbidades, pode ser necessária a conversão para a CA para garantir segurança do paciente. Ainda assim, a CL é a abordagem preferida na maioria dos casos, por ser menos invasiva e melhorar a qualidade de vida no pós-operatório. Porém, embora ofereça vantagens claras, a avaliação individual de cada paciente é essencial para minimizar complicações e otimizar os resultados.

TRATAMENTO DA INSUFICIÊNCIA CARDÍACA COM INIBIDORES DE SGLT2: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA COM METANÁLISE

FERNANDO PIERIN PERES FILHO
SUELEN UMBELINO DA SILVA
FERNANDO PIERIN PERES
LEANDRA ERNST KERCHE

A insuficiência cardíaca é um diagnóstico clínico de uma condição que se desenvolve secundariamente às funções sistólica e diastólica do ventrículo esquerdo. Ultimamente, os inibidores do cotransportador de sódio-glicose 2 (SGLT2) foram adicionados à lista de medicamentos utilizados no tratamento da IC. Comparar a eficácia dos inibidores de SGLT2 ao tratamento tradicional em hospitalização e morte por IC. Bancos de dados relevantes foram pesquisados para artigos publicados até outubro de 2023. De 24 estudos selecionados não duplicados, 11 estudos foram selecionados. A análise primária foi para morte cardiovascular e a análise secundária para hospitalização por IC. Foram selecionados 11 estudos para a revisão sistemática e 8 estudos para análise quantitativa, representando 54.381 pacientes de mais de 800 centros de saúde em todo o mundo. O uso de inibidores de SGLT2 reduziu significativamente a morte cardiovascular em todos os pacientes quando comparados ao placebo (HR 0,85, IC95% 0,78-0,91) e também reduziu as hospitalizações por IC (HR 0,71, IC95% 0,67-0,76). Pacientes com IC em uso de inibidores de SGLT2 apresentam melhor desfecho do que com o tratamento convencional; o inibidor de SGLT2 protegeu em 15% os pacientes das mortes cardiovasculares e 29% das hospitalizações por IC. UNOESTE

VESÍCULAS EXTRACELULARES PARA O TRATAMENTO DA LEUCEMIA MIELOIDE AGUDA: REVISÃO SISTEMÁTICA

VITOR TORQUATO DOMINGUES
LETÍCIA DONAIRE DE OLIVEIRA
KAREN TIEMI IAMAMOTO
JULIA ANDRESSA DE ALMEIDA
ANDRÉ FELLIPE FREITAS RODRIGUES
GRAZIELA GARRIDO MORI

A Leucemia mieloide aguda (LMA) é o tipo de leucemia mais frequente na população adulta e apresenta menor taxa de sobrevivência, tendo em vista que se não tratada, evolui de forma rápida, uniforme e fatal. Apesar de haver múltiplas terapias que visam extirpar essa doença, estas não se mostram totalmente eficientes ao tratamento da LMA. As vesículas extracelulares (EVs) funcionam como moléculas imunomoduladoras e se mostram promissoras para o tratamento de diversas doenças, melhorando a qualidade de vida e a longevidade dos pacientes. Analisar a eficácia da terapia com EVs para o tratamento da LMA. A presente revisão sistemática utilizou as diretrizes do "The Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA)". Assim, uma busca sistematizada foi conduzida nas bases de dados PubMed/MEDLINE, Scopus, Cochrane Library e Embase até agosto de 2024, para a seleção de trabalhos científicos que incluam estudos *in vivo* abordando o tratamento da LMA com EVs que respondam a pergunta PICO: "A terapia com vesículas extracelulares seria eficiente para o tratamento da leucemia mieloide aguda?". Após a seleção, os textos completos foram avaliados para a extração dos dados relevantes. A análise de risco de viés foi realizada com auxílio da ferramenta SYRCLE's. O título e o resumo de um total de 910 artigos científicos foram analisados, sendo selecionados 21 artigos inicialmente. Após a leitura completa dos estudos, 10 trabalhos foram excluídos por não se enquadrarem nos critérios de elegibilidade. Ao avaliar individualmente os 11 artigos incluídos na pesquisa, verificou-se a eficácia do tratamento com EVs em 8 estudos. Em um estudo em específico, o tratamento com as EVs obteve eficácia semelhante ao com a terapia celular. Ademais, quando células leucêmicas contendo miR92a e miR7977 foram utilizadas como células fontes para extração das EVs, o tratamento mostrou-se ineficiente. A análise do risco de viés mostrou alta evidência científica em 6 estudos e evidência incerta em 5 estudos científicos. De acordo com os dados obtidos, concluiu-se que o uso das EVs foi eficaz para o tratamento da LMA dependendo da célula fonte utilizada para extração daquelas. Estudos clínicos randomizados em humanos devem ser realizados para confirmação dos resultados. Unoeste.